

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

VIVIANI REGINA MARCHI

**CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PARA O COMBATE À DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS
FALSAS NAS MÍDIAS SOCIAIS**

SÃO CARLOS – SP
2021

VIVIANI REGINA MARCHI

CONTRIBUIÇÕES DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PARA O COMBATE À DISSEMINAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS NAS MÍDIAS SOCIAIS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Conhecimento, Tecnologia e Inovação.

Linha de pesquisa: Tecnologia, Informação e Representação.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

SÃO CARLOS – SP
2021

Marchi, Viviani Regina

Contribuições da Ciência da Informação para o combate
à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais /
Viviani Regina Marchi -- 2021.
89f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Paula Regina Dal'Evedove
Banca Examinadora: Paula Regina Dal'Evedove, Enrique
Muriel-Torrado, Bárbara Coelho Neves
Bibliografia

1. Desinformação. 2. Mídias sociais. 3. Ciência da
Informação. I. Marchi, Viviani Regina. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Data da Defesa: 30 de junho de 2021.

Local: Google Meet.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove (Orientadora)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Prof. Dr. Enrique Muriel-Torrado (Membro Externo)

Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Profa. Dra. Bárbara Coelho Neves (Membro Interno)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI)
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Viviani Regina Marchi, realizada em 30/06/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove (UFSCar)

Profa. Dra. Barbara Coelho Neves (UFBA)

Prof. Dr. Enrique Muriel Torrado (UFSC)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe por todo apoio ao longo da minha vida, por mostrar que é possível mesmo que o caminho não seja o mais fácil.

Agradeço ao meu pai pelo apoio e perseverança, por mostrar que a vida pode ser mais leve e mais fácil de ser vivida.

Meu pai e minha mãe sempre me incentivaram a buscar o melhor de mim.

À minha irmã Vanessa que está presente em todas as etapas da minha vida.

Ao meu irmão Antonio, que mesmo de longe torce para que eu realize todos os meus sonhos.

Aos meus sobrinhos Sophia e Davi que são crianças, as quais me ensinam a cada dia a ser uma pessoa melhor.

À minha orientadora Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove por todo apoio docente e profissional, diálogo, aconselhamentos e discussões valiosas que vou levar para toda a minha vida.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, em que realizei o meu mestrado, e que sempre serei grata pelo tempo de acolhimento.

À Universidade Federal de São Carlos pela oportunidade de realizar minha graduação e pós-graduação.

RESUMO

Informação factualmente incorreta dificulta a comunicação da informação nos mais diversos setores da sociedade. Diante do aumento do consumo de conteúdo digital nas mídias sociais, questiona-se: Quais recomendações de combate à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais são discutidas e apresentadas pela Ciência da Informação para uma atuação bibliotecária segura e comprometida com essa demanda contemporânea. Frente ao problema de pesquisa, buscou-se identificar as estratégias de combate à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais apresentadas pela literatura da Ciência da Informação, visando oferecer um panorama sobre os estudos dedicados ao tema e colaborar com a divulgação das principais ações e recomendações adotadas na atualidade. Para tanto, conduziu-se um estudo exploratório-descritivo que alia pesquisa bibliográfica para a fundamentação do tema e coleta de dados na Web of Science de pesquisas provenientes da Ciência da Informação do período de 2015 a 2020 e com foco nas estratégias e/ou recomendações de combate às desinformações nas mídias sociais. O tratamento dos dados se pautou no método de análise de conteúdo, sendo realizadas análises pormenorizadas dos 12 artigos científicos selecionados como *corpus* de pesquisa. Como resultados, tem-se o uso de diferentes recursos tecnológicos de checagem dos fatos e controle informacional para frear a disseminação de notícias falsas; e abordagens envolvendo o comportamento e competência informacional, com destaque para uma atuação ética e responsável por parte dos bibliotecários. Como conclusões, constata-se a incipiência de pesquisas com foco na discussão e proposta de estratégias próprias de combate da desinformação nas mídias sociais, sendo oportuno um maior envolvimento da comunidade científica no tema.

Palavras-chave: Notícias falsas. Informação falsa. Desinformação. Mídias sociais. Ciência da Informação.

ABSTRACT

Factually incorrect information makes it difficult to communicate information in the most diverse sectors of society. Given the increase in the consumption of digital content on social media, the question is: What recommendations to combat the dissemination of false news on social media are discussed and presented by Information Science for a safe and committed librarianship with this contemporary demand. Faced with the research problem, we sought to identify strategies to combat the dissemination of false news on social media presented by the Information Science literature, aiming to provide an overview of the studies dedicated to the topic and collaborate with the dissemination of the main actions and recommendations currently adopted. To this end, an exploratory-descriptive study was conducted that combines bibliographic research to substantiate the theme and data collection on the Web of Science from research from Information Science from the period 2015 to 2020 and focusing on strategies and/or recommendations to combat fake news on social media. Data processing was based on the method of content analysis, with detailed analyzes of the 12 scientific articles selected as the research corpus. As a result, there is the use of different technological resources of fact-checking and informational control to curb the spread of false news; and approaches involving informational behavior and competence, with emphasis on an ethical and responsible performance on the part of librarians. As conclusions, there is the incipient research focused on the discussion and proposal of strategies to combat misinformation in social media, with a greater involvement of the scientific community on the subject.

Keywords: Fake news. False information. Disinformation. Social media. Information Science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Dicas para ajudar na identificação de desinformações

49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Descrição das estratégias de busca empregadas	55
Quadro 2. Publicações selecionadas para a análise	57
Quadro 3. Meios de solucionar a propagação de notícias falsas e desinformação nas mídias sociais	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIES	Association of Researcher in e Health
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BENANCIB	Repositório das apresentações e palestras ministradas nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB)
BRAPCI	Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachusetts NSF <i>National Science Foudation</i>
ONU	Organização das Nações Unidas OMS Organização Mundial da Saúde
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
WoS	<i>Web of Science</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	17
1.2 OBJETIVOS	21
1.2.1 Objetivo Geral	21
1.2.2 Objetivos específicos	21
1.3 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO DA PESQUISA	22
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	23
<u>2</u> PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
2.1 DIAGNÓTICO DO ESTADO DA ARTE: DESINFORMAÇÃO E MÍDIAS SÓCIAIS	24
2.1.1 Espaços de Articulação da Desinformação	27
2.1.2 Desinformação e a Descredibilidade do Ambiente Virtual	31
2.1.3 Pós-verdade e a Diminuição da Importância da objetividade dos fatos	46
2.2. APROFUNDAMENTO TEMÁTICO: ESTRATÉGIAS CONTRA A DESINFORMAÇÃO	52
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS ESTUDOS	59
3.2 ESTRATÉGIAS DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO EM MÍDIAS SOCIAIS: SÍNTESE INTEGRADORA	67
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Vive-se hoje no que se costuma denominar de “era da pós-verdade”, resultante do crescimento exponencial da desinformação e suas diversas formas de manifestações, sobretudo no ambiente virtual. *Fake news* são, nesse tempo, as principais formas de ‘viralização’ da desinformação, em especial no espaço das redes e mídias sociais.

O significado de mídia social e rede social são próximos, o que faz com que muitas vezes, em algumas situações, estes termos sejam empregados como sinônimos. Investigando-os mais a fundo é possível verificar, no entanto, que têm significados distintos e surgiram em diferentes contextos societários, sendo possível estabelecer, inicialmente, que: rede social é mais antiga; e, mídia social é fruto da sociedade da informação.

Segundo Werthein (2000), a sociedade da informação ganhou força com o desenvolvimento da *internet*, substituindo o conceito de sociedade pós-industrial pelo de sociedade da informação, a qual foi reestruturada com o auxílio do capitalismo acelerado no final da década de 90, ganhando novas tecnologias e maior eficiência, sendo a informação o elemento propulsor nesta sociedade.

De forma mais precisa, considera-se que as redes sociais têm como foco o relacionamento entre as pessoas. Redes sociais não são exclusivas do ambiente virtual, uma vez que existem na vida real na forma de redes de relacionamento que aproximam as pessoas com interesses em comum, pertencentes às mesmas comunidades (BEZERRA; NOGUEIRA, 2019), servindo, ainda, para compartilhar conteúdo e criar laços entre as pessoas, congregando-as por meio de interesses mútuos - prática também conhecida como “*relationship site*” ou *sites* de relacionamentos.

Outro termo passível de abordagem é o de mídia digital (surgido antes de mídia social), em que toda a comunicação ocorre na plataforma digital, sendo realizada por muitas pessoas, derivando uma potencial

descentralização da informação, e democratização do acesso, podendo se constituir como espaço para o diálogo entre o emissor e o receptor da mensagem. Seu significado foi modificado no ambiente virtual - sendo também conhecida por "*new mídia*" (nova mídia) -, assumindo um sentido de espaço de exposição para os indivíduos postarem conteúdos diversos.

O uso do termo mídia, em si, não se restringe apenas ao ambiente virtual, podendo circular como léxico em qualquer veículo de comunicação social como rádio, TV ou jornal impresso.

Ciribeli e Paiva (2011, p. 59) esclarecem que: "[...] mídia social é o meio que determinada rede social utiliza para se comunicar", e, nesse sentido, as mídias sociais funcionam como canais (ou ferramentas na *Internet*) que viabilizam a disseminação de conteúdos comunicacionais e/ou mensagens de forma descentralizada pelo usuário - segundo preceitos da Web 2.0, definida como:

[...] a segunda geração de serviços online, leva em conta a forma de publicação, o compartilhamento, a organização de informações que são ampliadas para a interação de quem está participando do diálogo, desta forma, as relações sociais é o principal aspecto da Web 2.0. (PRIMO, 2021, pág. 2).

Considera-se que a relevância e atualidade dessas questões comunicativas favorecem o envolvimento direto de pesquisadores, teóricos e profissionais ligados ao campo da Ciência da Informação, sobretudo, no que tange ao combate à circulação de desinformação no contexto contemporâneo, desinformação potencializada pelos avanços tecnológicos e as novas configurações de produção, circulação e acesso à informação.

Um fenômeno correlato a essa situação é o das chamadas *fake news* (notícias criadas e disseminadas com viés falso), as quais possuem características bem definidas na produção, formatação e intenção (BRISOLA; BEZERRA, 2018) de enviar sinais distorcidos (desconectados) da verdade, dificultando a formação de uma visão real sobre o mundo.

A pós-verdade, entendida também como um fenômeno, nutre-se dessa deturpação da verdade, fazendo apelo às emoções, a satisfação de

crenças, a deformação de uma realidade inaceita, favorecendo e impulsionando, por decorrência, a veiculação das *fake news* nos mais diversos ambientes, sobretudo nos canais digitais de comunicação (ARAÚJO, 2020).

Informação factualmente incorreta dificulta a comunicação da informação correta nos mais diversos setores da sociedade. O ambiente virtual como nova ambiência midiática - e sua vinculação com as *fake news* - é um dos temas de destaque nos estudos conduzidos no campo da Ciência da Informação brasileira no enfrentamento da desinformação.

Tobias e Corrêa (2019) analisam o paradigma social desse campo pela perspectiva das mídias sociais e das *fake news*. Neves (2019), complementarmente, apresenta recursos que estimulam o pensamento crítico, a alfabetização midiática e as estratégias metacognitivas que podem apoiar o bibliotecário no combate à desinformação no âmbito das mídias sociais, e de redes sociais digitais.

A implicação comunicacional das desinformações em saúde, por exemplo, configura-se como outro importante viés investigativo pela perspectiva da Ciência da Informação, impulsionado pela pandemia mundial do novo coronavírus (Sars-Cov-2).

Nesse contexto, informações e notícias sobre saúde e anti-vacinação foram objeto de discussão no estudo de Waisbord (2020), com reflexões sobre o problema da desinformação em um novo regime de verdades, e de Fernandes e Montuori (2020), que recorrem às pesquisas científicas sobre vacinação e imunização para contraporem os argumentos amplamente divulgados na página do *Facebook* "Pensadores contra o Sistema", divulgações que contribuíram para o decréscimo dos indicadores de vacinação no Brasil a partir da adesão dessa página à propagação de notícias falsas.

Informações incorretas e desinformação em saúde foram amplificadas com o surgimento da COVID-19 causada pelo coronavírus, resultando, em razão da pandemia mundial, desafios à gestão e

disseminação de informações precisas, favoráveis a erradicação do vírus por meio do controle das ações preventivas na ordem populacional.

Aleixandre-Benavent, Castelló-Cogollos e Valderrama-Zurián (2020) discutem o papel da Ciência da Informação, e de seus profissionais, no combate à desinformação, assim como os problemas de informação e comunicação em meio à pandemia, destacando em sua pesquisa os diferentes tipos de notícias falsas sobre a COVID-19. Cientes do importante papel que a informação desempenha na prevenção de doenças e o cuidado da saúde, os autores a tratam como recurso essencial para a tomada de decisões ponderadas.

Nesse sentido, Aleixandre-Benavent, Castelló-Cogollos e Valderrama-Zurián (2020), elencam as diversas funções que os profissionais da informação podem e devem desempenhar para impedirem a disseminação de informações incorretas ou inverídicas, observando como ações preventivas: o desenvolvimento de instrumentos de avaliação e indicadores de qualidade aplicáveis aos *sites* ligados à saúde.

Por esse *prima*, conhecer os instrumentos de avaliação e indicadores de qualidade aplicáveis aos ambientes digitais em que as informações na área da saúde são vinculadas é uma das importantes funções que profissionais da informação podem desempenhar no combate à disseminação e propagação de notícias falsas, pois, ações desse tipo favorecem a visibilidade de informações confiáveis, subsidiando a população e profissionais, instituições e organizações de saúde para o controle/compartilhamento de informações confiáveis.

A disseminação de notícias falsas é uma prática bastante antiga. Muito antes do surgimento da *Internet* as mentiras eram repassadas por boatos ou fofocas. Silva e Paiero (2019) revelam que no dicionário norte-americano *Merriam Webster* (2017), a expressão *fake news* existe desde 1575, presente também em registros de jornais do século XIX como práticas de disseminação de notícias falsas.

O Brasil é hoje um dos países com maior número de produção, circulação e consumo de notícias falsas. Nas palavras de Nascimento

(2019), isso se dá em razão de que grande parte do processo comunicacional ocorre em meio às redes sociais, e cada vez menos os indivíduos buscam checar se as informações compartilhadas nesse meio são verdadeiras, culminando na crescente deformação desse conteúdo.

Na ótica de Almeida, Doneda e Lemos (2018), os fatores que culminam em um cenário de desinformação são diversos, conformando-se: por uma simples negligência; pela criação e propagação intencionais de conteúdos prejudiciais à uma pessoa, ou a um grupo de pessoas; pela ação desavisada de uma pessoa desavisada, sem a intenção de prejudicar alguém, mas incapacitada de reconhecer a mentira ou verificar a veracidade do fato; ou ainda, pela propagação de notícias que tem uma base real, mas que são tendenciosas.

Independente do cenário, o indivíduo perde o senso crítico e se comporta como propagador de notícias ou fatos inverídicos, que fundamentados em apelos emocionais, convicções pessoais, crenças, ou seja, ações que valorizam mais o que se acredita, ou se quer acreditar, em detrimento do fato em si.

A ciência percebeu no termo desinformação um vasto campo de pesquisa. Termos correlacionados como pós-verdade, desinformação, misinformation passam a ter lugar de destaque em diversos campos do conhecimento, muito em consequência da era digital e da globalização, contexto em que todos passam a ser portadores da comunicação, em nível mundial, com o risco da deslegitimação das fontes tradicionais como recursos de busca da veracidade dos fatos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A facilidade de disseminação e compartilhamento de informação decorre, em grande parte, do fenômeno social das redes de informação. Conhecidas como redes sociais, as redes de informação estão: “[...] reconstruindo a estrutura social do século XXI.” (SPUDEIT, 2010, p. 100), funcionando como as principais fontes de informação da sociedade

contemporânea, muito em decorrência da sua evolução no formato, extensão e abrangência

Nas redes sociais, a comunicação da informação acontece de forma instantânea através da *Internet*. Por decorrência, atuam como uma rede de informações que acaba por discutir, qualificar e recomendar as informações que circulam no ciberespaço (RECUERO, 2009). Neste processo, a circulação de notícias falsas nos últimos anos se tornou uma deformação desse circuito e um problema a ser combatido no ambiente digital.

A desinformação é tema de debate em diversas áreas do conhecimento.

O jornalismo, por exemplo, vivencia uma crise de credibilidade e identidade pelo uso de informações não verdadeiras veiculadas por alguns noticiários com o propósito de confundir o público leitor. Segundo Aguiar e Roxo (2019), o que dificulta o combate à desinformação dentro do jornalismo é a sua precarização e flexibilização, em que os indivíduos não precisam ser autoridades no assunto para escreverem a respeito.

No campo da saúde, a proliferação de notícias falsas foi ampliada com a pandemia COVID-19, fenômeno que a Organização Mundial da Saúde denominou de "infodemia" (GALHARDI et al., 2020), observando-se o aumento de controvérsias científicas, teorias da conspiração, negacionismo e outros fenômenos ampliados com a disseminação de conteúdos duvidosos.

No atual cenário de incertezas, causado pela desinformação, a Ciência da Informação deve desempenhar o papel de provedora da comprovação do fato, em que: "[...] a discussão do conceito de informação e o critério de verdade para a disseminação da informação devem estar no escopo dos objetos desta disciplina científica." (MORAES; ALMEIDA; ALVES, 2020, p. 18).

Em tempos líquidos (seria a efemeridade, ou seja, tudo aquilo que é volátil, com pouca duração). e de hipertrofia da informação, Sampaio, Oliveira e Olegrário (2019, p. 27) afirmam que são ampliadas: "[...] a

fragilidade e inabilidade com que as pessoas lidam com a informação, mesmo em uma sociedade dita informal.". No entendimento dos autores, sendo a informação a peça chave para o conhecimento e verdade, em contextos midiáticos a informação se configura como ativo de manipulação, comportando-se como um *pharmakon*, termo grego que, segundo os autores, tem potencialidades tanto benéficas quanto maléficas a depender da "dosagem administrada". Nessa analogia, a informação tem a capacidade de atuar como cura da ignorância ou como a principal ferramenta para o desencadeamento de crenças sem fundamento verídico (SAMPAIO; OLIVEIRA; OLEGRÁRIO, 2019).

A desordem informativa vivenciada nos últimos anos afeta diretamente o desenvolvimento de ações, produtos e serviços em sistemas de informação. Como resposta a esse fenômeno contemporâneo, o campo da Ciência da Informação passa a observar e a discutir de modo mais verticalizado os diversos desdobramentos causados por esse risco de precarização, com atenção especial às chamadas *fake news* e as implicações da desinformação.

Para Conde e Alcará (2018) o papel do bibliotecário é fundamental para amenizar a proliferação dessas inverdades, sendo o número de estudos científicos dedicados ao fenômeno em nível global relativamente pequeno. Segundo Ripoll e Canto (2019) é preciso que os profissionais da Ciência da Informação estejam conectados aos acontecimentos do ambiente virtual para discutir o papel informativo em um contexto de desinformação, ao passo que vivemos em uma sociedade com excessos informacionais (produção e troca) em que o indivíduo tem acesso a diversos conteúdos, muitos com a veracidade duvidável.

Diante do aumento do consumo de conteúdo digital nas mídias sociais, o profissional bibliotecário desempenha papel fundamental no combate às notícias falsas e à capacitação dos sujeitos na avaliação informacional, para recuperação de informações confiáveis e de qualidade, cabendo, portanto, que tais profissionais conheçam os recursos disponíveis e as recomendações existentes para apoiar essas ações de

auxílio no combate à propagação de notícias falsas, inclusive no Brasil.

Frente ao exposto, questionamos: Quais recomendações de combate à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais - discutidas e apresentadas pela Ciência da Informação no Brasil- colaboram para uma atuação bibliotecária segura e comprometida com essa demanda contemporânea?

Este problema de pesquisa respalda o desenvolvimento de uma investigação que visa auxiliar os profissionais da informação no planejamento de uma ação adequada de combate à desinformação em ambientes digitais, com especial atenção às mídias sociais, tendo em vista o papel pedagógico do bibliotecário acerca das estratégias mais adequadas para aquisição de informação confiável, em fontes seguras.

Em atenção ao amplo alcance desses dois fenômenos contemporâneos, desinformação e mídias sociais, assim como das inúmeras possibilidades que se apresentam para a condução de uma análise mais pormenorizada desse entrelaçamento de temas, apresentou-se como questão norteadora da pesquisa ora descrita: Como combater a proliferação da desinformação no contexto das mídias sociais?

A partir deste questionamento, julgou-se relevante se discutir os impactos (implicações e desdobramentos da desordem informativa) no campo da Ciência da Informação, tendo como proposta investigar as estratégias de combate à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais apresentadas pela literatura especializada.

Para tanto, tomou-se como referência -recorte para entendimento do fenômeno e identificação das estratégias de combate à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais - a produção científica da Ciência da Informação (apresentada em formato de artigo científico) divulgada pelos cientistas da informação, considerando que tais produções podem auxiliar os bibliotecários nessa missão de prevenção do ambiente informacional.

1.2 OBJETIVOS

Enquanto objetivos, a presente investigação foi planejada a partir da proposta executada em dois níveis: um de caráter geral, e outros de caráter específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar as estratégias de combate à desinformação em mídias sociais apresentadas pela literatura da Ciência da Informação, visando: oferecer um panorama sobre os estudos dedicados ao tema; e, colaborar com a divulgação das principais ações e recomendações adotadas na atualidade, nesse temário.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para tanto, foram delineados como objetivos específicos, as seguintes ações:

- 1) Dissertar, com base na literatura, sobre o cenário desinformativo vivenciado na atualidade;
- 2) Identificar pesquisas que inter-relacionam desinformação e mídias sociais na Ciência da Informação, formando um *corpus* de análise sobre o tema; e,
- 3) Apresentar, para fins de divulgação entre a comunidade profissional e científica do campo da Ciência da Informação, as estratégias de combate à desinformação em mídias sociais, identificadas no *corpus* analisado.

1.3 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa encontra respaldo científico na linha de pesquisa “Tecnologia, Informação e Representação”, do Programa de Pós-

Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos, por evidenciar os impactos assombrosos do fenômeno da desinformação na sociedade atual, procurando-se, por meio dessa investigação, sistematizar estratégias divulgadas pela comunidade científica do campo da Ciência da Informação para combater o citado fenômeno - chamado "mal do século" -, com especial atenção em sua ocorrência no ambiente das mídias sociais.

A pesquisa se justifica, então, pela relevância social do tema ao evidenciar um dos principais fenômenos enfrentados e combatidos no mundo todo - a desordem informativa/informacional. Fenômeno que tem exigido vigilância e enfrentamentos contínuos por parte, sobretudo, da Ciência da Informação, dada a sua natureza técnica, social e evidentemente compromissada com a garantia do acesso e recuperação da informação de qualidade.

No âmbito científico, consideramos que a pesquisa contribui com o entendimento de um conceito atual, em franco desenvolvimento, e que comporta, em paralelo, muitas outras questões e enfrentamentos contemporâneos que, além de impactarem significativamente diversos setores da sociedade, e a própria relação do sujeito com a informação, conformam-se como fenômenos com múltiplas acepções e configurações para o campo informacional.

Pela problemática até agora descrita, destaca-se a desvalorização da informação, cuja credibilidade vem sendo dilapidada, correndo o risco de se tornar um elemento inoperante em tempos de criação e compartilhamento de conteúdos em ambientes digitais, a exemplo do que ocorre nas mídias sociais.

Cabendo, por final, considerar que os resultados de pesquisas desenvolvidas sobre desinformação na Ciência da Informação devam ser incorporados à prática profissional, passando a serem amplamente utilizados na condução de estudos de sistematização do conhecimento científico como suporte para a tomada de decisão, conduzindo ações que possibilitem o enfrentamento do problema.

Neste sentido, a presente pesquisa se projeta como uma importante contribuição à Ciência da Informação brasileira, reunindo e sintetizando os resultados de estudos independentes, relatos e buscas de estratégias de combate à desinformação em mídias sociais, desvelando, no âmbito de sua abrangência, o conhecimento atual sobre a questão de pesquisa formulada.

1.4 ESTRUTURA DA PESQUISA

A fim de fundamentar o tema de pesquisa e responder ao primeiro objetivo específico – dissertar, com base na literatura, sobre o cenário desinformativo vivenciado na atualidade –, tomou-se, como referência argumentativa dessa dissertação, uma perspectiva interdisciplinar, sendo apresentada, enquanto sistemática de sua construção subsequente à presente seção, nas seguintes condições:

- Seção 2: descrição dos procedimentos metodológicos que sustentam o desenvolvimento da pesquisa empírica, cobrindo uma exposição pormenorizada dos métodos (revisão bibliográfica e análise de conteúdo), com destaque para coleta e análise de dados, cabendo, portanto, ao desenvolvimento desta seção, responder ao segundo objetivo específico – identificar pesquisas que inter-relacionam desinformação e mídias sociais na Ciência da Informação.

- Seção 3: exposição pormenorizada dos resultados desta pesquisa, tendo como base a análise dos dados coletados, ocupando-se de tal seção para responder ao terceiro e último objetivo específico – apresentar as estratégias de combate à desinformação em mídias sociais identificadas nas pesquisas analisadas, para fins de divulgação entre a comunidade profissional e científica do campo da informação.

- Seção 4: contempla os apontamentos finais da pesquisa, em que são indicados o avanço e a contribuição oferecidos, com destaque para as possibilidades de exploração futura do tema na Ciência da Informação brasileira.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em atenção aos objetivos da pesquisa, conduziu-se uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo de abordagem quantitativa, devendo-se a escolha por um estudo exploratório pela necessidade e interesse da pesquisadora abordar o tema de pesquisa de uma forma que lhe proporcionasse maior familiaridade com o problema aqui evidenciado, considerando-se que o mesmo ainda se encontra em processo de definição no contexto contemporâneo.

Na pesquisa científica, estudos exploratórios favorecem a compreensão do cenário de desenvolvimento e avanço de determinados temas e a efetiva relevância de determinado problema de pesquisa para um campo do conhecimento, amparado pela condução de um método de revisão bibliográfica.

Por sua vez, o caráter descritivo desta pesquisa decorreu da necessidade observada - a partir do problema de pesquisa (cenário de incertezas, causado pela desinformação) - em descrever o fenômeno da desinformação nas mídias sociais, tendo-se como elemento norteador as estratégias de combate discutidas e divulgadas pela comunidade científica, procurando favorecer e auxiliar o trabalho dos bibliotecários no combate da desinformação.

A partir dessa premissa, considerou-se que a investigação deveria se desenvolver, em dois momentos: 1) diagnóstico do estado da arte do tema no âmbito nacional da Ciência da Informação, com complementação de outros campos da comunicação (de nível mundial); e, 2) aprofundamento temático a partir de um levantamento de estratégias em discussão no campo científico.

2.1 DIAGNÓTICO DO ESTADO DA ARTE: DESINFORMAÇÃO E MÍDIAS SÓCIAIS

Nesse primeiro momento, guiado pela intenção de produzir um

diagnóstico atualizado sobre o tema citado, se optou por um método de revisão bibliográfica, visando a construção de um quadro referencial sobre: a desinformação, a desordem informativa, as mídias sociais e outros fenômenos/espacos inter-relacionados.

Lima e Miotto (2007, p. 43) entendem o método de revisão bibliográfica como um procedimento indicado para a: “[...] produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas”.

Gil (2010), por sua vez, aponta que a revisão bibliográfica se desenvolve ao longo de uma série de etapas, que compreendem ações de: escolha do tema, levantamento preliminar da história, formulação do problema, elaboração do plano provisório do assunto, busca de fontes, leitura de material, fichamento, organização lógica do assunto e redação do texto final. Passos tidos como fundamentais para que a investigação se desenvolva e incorpore conteúdo.

Para os propósitos da presente pesquisa, elegeu-se como de interesse diversos materiais impressos e digitais (livros, artigos científicos, teses, dissertações, trabalhos publicados em eventos científicos, dentre outros), pelos quais se obteria um melhor entendimento e exposição do tema, tendo como direcionamento a desinformação, suas implicações e desafios apresentados na atualidade.

Essa manobra está em conformidade com as prerrogativas dos estudos em metodologia científica, especificamente acerca da pesquisa baseada em revisão bibliográfica, em que:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. (GIL, 2010, p. 30).

Nesses casos, a bibliografia pertinente oferece meios para definir e resolver não somente problemas já conhecidos, mas também explorar

novas áreas, além de solucionar problemas complexos de uma determinada hipótese, com objetivo de deixar evidentes os dados ainda não conhecidos.

A pesquisa bibliográfica constitui o procedimento básico para as pesquisas de natureza científica, a partir da qual se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema. Logo, o estudo exploratório-descritivo desenvolvido aqui é respaldado na condução da pesquisa por método de revisão bibliográfica para a fundamentação de discussões baseadas em literaturas especializadas - embasamento essencial para a execução das etapas de análise de conteúdo e de construção da síntese integradora das soluções identificadas para o tema, a partir do processo de investigação.

O levantamento de fontes para a revisão bibliográfica se deu por consultas: na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI); no repositório das apresentações e palestras ministradas nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) - intitulado BENANCIB -; assim como na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) para a identificação de Teses e Dissertações (canais do campo da Ciência da Informação) que pudessem colaborar para a construção do debate; e ainda, complementarmente, em *sites* jornalísticos (campo comunicacional, estreitamente relacionado ao tema).

Por fim, considera-se pertinente observar que essa etapa teve por fim de cumprir o objetivo específico 2 - Identificar pesquisas que inter-relacionam o tema da desinformação em mídias sociais, na Ciência da Informação -, decidindo-se explorar a questão a partir de uma base de dados de abrangência específica (Ciência da Informação) e geral (espaços de articulação ligados ao campo da Comunicação), opção considerada em razão do tema e subtemas serem debatidos como objetos de estudo por diversos campos do conhecimento, sobretudo os acima mencionados (por isso a inclusão de materiais impressos e digitais provenientes das áreas da Comunicação e do Jornalismo).

2.1.1 Espaços de Articulação da Desinformação

O mundo virtual é um ambiente dinâmico e mutável.

Neste contexto, as redes sociais figuram como plataformas digitais pautadas na agilidade organizatória, e na sua performance de interação estabelecida por meio dos seus integrantes. Isto por quê, em geral, é por meio da disseminação de indivíduos comunicacionais - com gostos em comum e questionamentos convergentes sobre as visões do mundo -, que se dá a dinâmica de interação marcada por interesses em comuns, e conexões pessoais virtuais, mais frouxas em comparação às relações pessoais de caráter presencial.

Sob esse prisma, os recursos informacionais utilizados nas redes sociais mudaram a forma de se conectar com o conhecimento produzido na atualidade, derrubando variados bloqueios ligados ao conhecimento socialmente construído.

Considera-se, na base dessa investigação, que a importância da comunicação na produção do conhecimento é essencial desde o começo das civilizações.

Lima e Alvares (2012) relatam que o ser humano utilizava recursos comunicacionais diversos para representar a sua realidade, o exemplo mais antigo disso é que o homem pré-histórico, ao produzir figuras rupestres, procurava retratar as práticas do seu cotidiano, uma representação da realidade diária a que estava submetido.

A partir do momento em que começa a utilizar símbolos, não apenas para representar, mas também para registrar a sua realidade, a informação se torna representativa para o indivíduo, tornando a comunicação uma ação necessária para a sobrevivência da espécie humana.

No contexto contemporâneo, um marco importante para o desenvolvimento do ambiente virtual comunicacional foi a *World Wide Web Consortium*, fundada em 1994 nos Estados Unidos da América, conhecida como *www*. O objetivo desse consórcio é o de padronizar as

novas tecnologias e difundir cada vez mais suas funcionalidades para as pessoas (RAMALHO; OUCHI, 2011).

Pinho (2003) esclarece que a grande novidade da *Internet*¹ foi à invenção do consórcio acima citado, que promove a interligação entre os diversos países nos seis continentes, possibilitando que qualquer pessoa alcance o sistema mundial de telecomunicações.

Na concepção de Souza e Alvarenga (2004), a *World Wide Web*, tem um caráter único de disseminação, sendo confundida com a própria *Internet* - classificada como a infraestrutura, meio comunicacional que dá sentido à troca de informação.

No início da década de 1990, tinha-se a falsa impressão de que o conteúdo advindo da *Internet* seria mais relevante que o conteúdo veiculado pela Televisão, que, então perderia seu público. Contudo, uma das grandes adaptações da televisão foi perceber a necessidade de mudar os modelos de reportagens, pois, percebeu-se que o jornal impresso caiu em desuso, e que a notícia passou a circular no formato digital, na sua versão *online*.

Segundo Pinho (2003), é possível notar o potencial da *Internet* na instantaneidade conseguida na troca das mensagens e arquivos transmitidos de forma acelerada e ampla. A novidade dos meios de comunicações passa a ser essa capacidade de promover a disseminação de mensagens momentâneas, interligando o mundo todo em tempo real.

Além disso, na *Internet*, qualquer pessoa pode escrever matérias, esse acesso "democrático" é o que aproxima o escritor do seu público, que também pode reagir ao que foi publicado, fazendo nascer, e

¹ Ferrari (2003, p. 120) esclarece que a Internet foi concebida em 1969 com a criação do Arpanet pelo *Advanced Research Project Agency*, uma organização do departamento de defesa norte-americano focada na pesquisa de informações para o serviço militar. O Arpanet foi concebido como uma rede nacional de computadores que servia para garantir comunicação emergencial em caso de ataques ao país, principalmente pela União Soviética. Em 1986, a *National Science Foundation* (NSF - Fundação Nacional de Ciência) contribuiu para a expansão da Internet ao desenvolver uma rede que conectava pesquisadores de todo o país por meio de grandes centros de informática e computadores. No final dos anos 80 havia muitos computadores conectados, instalados em laboratórios e centros de pesquisa (inseridos nas universidades onde era importante a novidade tecnológica para o fortalecimento da ciência), sendo a principal finalidade a pesquisa acadêmica.

potencializando, uma interatividade entre ambas as partes.

Em 1995, com a disseminação crescente do seu uso, a *Internet* passou a fazer parte do cotidiano de um número crescente de pessoas, ampliando, também, o leque de artefatos eletroeletrônicos, dos mais conhecidos, como o *notebook* e os celulares, até os *tablets* e tudo que envolvia tecnologias digitais.

A *Internet* comercial deixou de ser restrita ao contexto acadêmico para expandir seus serviços a outros setores da sociedade, democratizando o acesso ao ambiente digital, observando-se, porém, que no começo apenas 10% da população mundial tinha acesso à *Internet*, com concentração em países como os Estados Unidos da América e Canadá, em que mais da metade da população tinha acesso à rede de computadores (PINHO, 2003).

Sobre isso, Barbosa Filho, Castro e Tom (2005) salientam:

[...] no Brasil, nos anos 2000 apenas 10% da população possuía computadores e cerca de 2,5% tinha acesso à Internet, sendo que deste percentual, apenas 16% pertencia à classe C e 4% à classe D e, do total, 97% dos indivíduos digitais viviam nos centros urbanos” (2005).

Porém, o crescimento foi de forma rápida e em 2002 o país já ocupava o décimo lugar na posição mundial, a terceira posição nas Américas e a primeira na América do Sul.

Na atualidade, grande parte dos brasileiros tem acesso à informação virtual, o que representa dois terços da população, com crescimento médio de 3,3% ao ano - dados obtidos por meio da investigação que leva em conta as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), conduzida pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação, vinculado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil - segundo o relatório (AGÊNCIA BRASIL, 2020) os recursos mais utilizados pelos brasileiros no ambiente virtual é o de comunicação em redes sociais e de aplicativos com acesso de quase 100% entre todos os usuários, os quais gastam muitas horas diárias nesses ambientes.

Para D´Ancona (2018), esse crescimento acelerado foi impulsionado

pelo acesso à banda larga de alta velocidade, propiciado um preço mais barato, o que gerou mudanças comportamentais e culturais entre os brasileiros, com destaque para os novos hábitos de conexão por redes sociais.

Sousa, Martins e Ramalho (2018) indicam que a média de produção e registro de conteúdo no ano de 2007 foi de 281 bilhões de *gigabytes* no mundo, cuja divisão por ser humano resulta em 50 *gigabytes* para cada habitante do planeta. Este valor ultrapassa em cinco milhões de vezes o conteúdo que já foi registrado em livros. Estes números são exorbitantes e, a cada ano, essa média tende a bater novos recordes.

Conforme salienta Silva (2018).

Em janeiro de 2018, o Brasil tinha cerca de 130 milhões de usuários ativos em redes sociais online, o que corresponde a aproximadamente 55% da população brasileira se considerarmos a estimativa de 209 milhões de pessoas no país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O crescimento da utilização das redes sociais online trouxe consigo, entretanto, um problema referente à veracidade das informações. Com estas redes crescendo como plataformas de divulgação de informação e notícias, o processo de análise das fontes por onde as informações são compartilhadas (blogs, páginas e websites), muitas vezes acaba por perder valor (p. 2).

Conforme Silva (2018), o *Global Digital Report* publicou, em janeiro de 2018, que no Brasil havia cerca de 130 milhões de usuários ativos em redes sociais digitais, o que seria 55% da população brasileira - sendo a população absoluta do país naquele ano de 209 milhões de pessoas, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018).

O ciberespaço é um mundo de informações, diferente dos ambientes informacionais tradicionais (televisão, rádio, cinema, jornal impresso, revista, etc.). O que o diferencia dos demais espaços é a não linearidade, a fisiologia, a instantaneidade, a dirigibilidade, a qualificação, os custos de produção e de veiculação, a interatividade, a pessoalidade e a acessibilidade de seus processos (PINHO, 2003). Todos estes elementos estão presentes na *Internet* e alguns deixam a desejar nos demais meios

de comunicação.

A comunicação digital transformou e facilitou o contato entre as pessoas das mais variadas regiões do país e do mundo, alguns recursos facilitaram a inserção no mundo digital contornando o engessamento dos meios tradicionais por meio da possibilidade da interação entre os participantes, diferentemente da concepção que se tinha da troca de informação, considerada na perspectiva de apenas uma das partes do processo comunicativo expor suas ideias (os emissores), enquanto a outra (os receptores) ser formada por pessoas passivas, que apenas as absorviam (RAMALHO; MARTINS; SOUSA, 2017).

O novo modelo comunicativo possibilitou uma maior interatividade entre os indivíduos, fazendo com que as redes sociais contribuam significativamente para a prática de divulgação e compartilhamento de notícias. No entanto, esse processo se dá com tamanha rapidez que os indivíduos se perdem pelo acúmulo de informações novas a cada instante.

Assim, apesar dos inúmeros benefícios em tempos de acesso facilitado à informação, a *Internet* potencializou, também, o que hoje se configura um fenômeno contemporâneo mundial denominado desinformação, propalada pela produção/disseminação das notícias falsas (*fake news*), tema que será abordado na próxima seção.

2.1.2 Desinformação e a Descredibilidade do Ambiente Virtual

Segundo o *Dicionário Oxford* (2016), o termo *fake news* foi empregado pela primeira vez em 1992, quando Steve Tesich escreveu sobre os escândalos do caso Irã e da Guerra do Golfo. Porém, foi em 2016 que a palavra *fake news* ganhou visibilidade devido às informações veiculadas durante a eleição presidencial americana daquele ano.

Naquela ocasião, segundo levantamento realizado pelo *site* BuzzFeed, se constatou que na reta final das eleições as notícias falsas tiveram mais alcance junto ao eleitorado em comparação ao conteúdo

publicado nos principais jornais do país (PEREIRA, 2018). O autor ainda observa que a saída do Reino Unido, da União Europeia, no mesmo 2016, também foi alvo de muitas informações falsas disseminadas no ambiente virtual.

No entanto, o termo *fake news* é muito mais antigo do que se imagina, não devendo ser visto como um fenômeno recente se o evidenciarmos como um sinônimo de uma “mentira arquitetada”.

De acordo com Leite (2020), as mentiras já eram citadas por pensadores clássicos como Platão e Sócrates, qualificadas como “nobres”, e consideradas como necessárias na ordem social; ou ainda, em Maquiavel, em que a mesma é alçada ao posto de estratégia importante para se conseguir um bom governo.

No âmbito da história civilizatória, Darnton (2017), por exemplo, relata que o império bizantino de Procópio já era marcado por circulação de informações falsas para influenciar disputas políticas – o autor considera que o conceito atual de desinformação remonta ao período da Idade Moderna, na eleição de um pontífice, em 1522, pela qual Pietro Aretino escreveu sonetos contrários aos candidatos concorrentes ao pontífice citado, que ele apoiava-

Outra situação histórica que evidencia a ocorrência da mentira como ardil se deu durante a Revolução Francesa, no século XVIII, em que a Rainha Maria Antonieta foi alvo de difamação, de uma propaganda política internacionalmente falsa, o que fez com que o povo criasse um ódio muito grande contra a figura da rainha, e muitos boatos se seguiram, descrevendo-a como uma personalidade devassa, entregue a orgias com homens e mulheres no palácio de Versalhes (DARNTON, 2017).

Leite (2020) traz o exemplo francês de 1894, em que o capitão Dreyfus recebeu várias acusações por parte da mídia da época, que resultou em um processo fraudulento que foi revelado pelo escritor Émile Zola, episódios que influenciaram os indivíduos a colocarem em xeque informações verídicas.

Os autores França, Suzart e Ribeiro (2018) apontam que durante a

Segunda Guerra Mundial o Reino Unido criou vários rádios para se passarem por estações alemãs de mentira, dissimulando, entre a programação habitual da época veiculada em rádio, notícias e comentários falsos sobre Hitler.

No Brasil, Leite (2020) evidencia exemplos de desinformação durante o Brasil Colonial escravocrata, tendo por fonte Gilberto Freyre (2006), período em que os frutos da agricultura eram escassos, muito difíceis de serem encontrados, surge a “crença” de que a ingestão de leite com manga faz mal, podendo ser até mesmo fatal se ingeridos juntos. Informação muito reproduzida até os dias de hoje.

Outro caso bastante famoso é relatado pelos autores Silva e Paiero (2019), no qual a *Revista Veja* publicou - em 1983 - uma matéria intitulada *O Fruto da Carne*, pela qual se apresentava a possibilidade inédita de unir células vegetais do tomate com células animais de uma vaca. Passados quase dois meses, o jornal *O Estado de São Paulo* veio a público relatar que a revista citada tinha sido vítima de uma brincadeira de “1º de abril” por parte da revista inglesa *New Science*, ficando a brincadeira conhecida como “boimate”.

Neste mesmo período, Macedo Junior. (2019) relata o exemplo das eleições municipais brasileiras de 1984, em que se veiculou que o, então candidato, Fernando Henrique Cardoso, iria incluir maconha na merenda escolar de escolas públicas - na realidade, o posicionamento de Cardoso era para a liberação da maconha e não a sua implementação na merenda escolar.

Leite (2020) cita o exemplo da escola de *Educação Infantil Base*, do bairro da Aclimação, no Estado de São Paulo. No ano de 1995, a grande mídia jornalística - levando em conta apenas os boatos em torno do caso, não considerando a necessidade de apuração dos fatos - divulgou várias reportagens acusando seis indivíduos da escola de abusarem sexualmente de crianças. No momento em que a veracidade dos fatos divulgados foi averiguada a escola já havia sido depredada, culminando em seu fechamento.

No estudo conduzido por Paula, Silva e Blanco (2018), os autores relatam o vídeo (muito compartilhado nas redes sociais, no mundo inteiro) pelo qual se conheceu a história de uma criança que se fingia de morta (servindo de escudo) para proteger outra criança, em meio à guerra da Síria – o que não passou de uma confusão dos acontecimentos, pois o vídeo que estava circulando como sendo da Síria era na verdade um curta metragem, de 2014, do canal Shaam Network S.N.N.

Outro exemplo de desinformação citado Paula, Silva e Blanco (2018), foi de um vídeo sobre a invenção de “um carro movido a água” por um brasileiro, transmitido pelo programa *Bola da Vez*, da RedeTV, sendo a notícia muito compartilhada, sem, no entanto, ter sido comprovada a eficácia do sistema.

O exemplo trazido por Gavasso (2019) foi o caso da vereadora da cidade do Rio de Janeiro Marielle Franco que, logo após a sua morte, teve seu nome vinculado à notícias falsas em que lhe imputavam desde um relacionamento com um traficante do Comando Vermelho até a defesa de bandidos, ou ainda, que era viciada em maconha.

Em tempos recentes, 2017, houve os casos de microcefalia em bebês causados pelo surto de zika vírus, no Brasil, em que informações equivocadas foram espalhadas pela *Internet*, resultando em exarcebção do medo na população (SOUSA, 2017).

O mesmo cenário de proliferação de desinformação foi vivenciado no contexto da pandemia da COVID-19. Pan e Zhang (2020) afirmam que, nesse cenário, a pandemia mundial colaborou para a expansão da vigilância digital, o enfrentamento infodêmico e o orquestramento de dados, além de oportunizar um espírito de solidariedade, transformando a crise em um ímpeto para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável-ODS (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2020), por representar uma ameaça significativa para vidas saudáveis e bem-estar de milhões de pessoas.

Machiaveli (2019) cita *site Catraca Livre* e os 10 casos mais famosos de notícias falsas na história do Brasil, sendo os mais

emblemáticos, na concepção do autor, descritos a seguir:

O bebê-diabo foi uma notícia veiculada pelo jornal Notícias Populares (NP), jornal diário conhecido por manchetes tendenciosas, com bases no nascimento de um bebê com deformações na testa. A história falsa repercutiu durante meses no imaginário popular paulista. A história do “chupa-cu” foi impulsionada por uma imagem de um objeto parecido com um animal deformado que segundo o site, alarmou algumas pessoas da região. Outro caso notório foi a falsa participação do Primeiro Comando da Capital (PCC) ao vivo no programa Domingo Legal. O apresentador Gugu teve que se desculpar e endereçou a culpa a outro jornalista. Mas o caso mais alarmante foi a Escola Base de 1994 [já citado]. Os proprietários de uma escola particular de São Paulo, capital, foram acusados de abusar sexualmente de quatro alunos. Após grande repercussão, o inquérito foi arquivado por falta de provas e os proprietários da escola processaram os jornais. (MACHIAVELI, 2019, p.342).

No contexto político brasileiro, o uso das desinformações é evidenciado no estudo de Horbach (2019), tratando-se de eventos decorridos em meio às eleições de 1989, e protagonizado por Mirian Cordeiro e os dois candidatos à presidência do Brasil, Luis Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Mello. Na ocasião, Mirian, ex-namorada de Lula discursou no programa eleitoral do seu adversário Fernando Collor e alegou ter tido uma filha com Lula, dizendo que o mesmo a pressionou a cometer um aborto. O resultado dessa mentira foi a derrota de Lula nas urnas. Anos depois a mulher confessou ter mentido em rede nacional em troca de dinheiro, indicando nunca ter sido pressionada pelo ex-namorado.

Para Horbach (2019), a campanha presidencial de 2018 foi a que mais teve desinformação. Como exemplo, a criação do termo “kit gay” como projeto (do então candidato Fernando Haddad) de implantação de material abusivamente doutrinário dessa temática nas escolas do Brasil, ganhando visibilidade nacional através de sua disseminação nas plataformas sociais.

Cabendo esclarecer que esse kit educativo – denominado Kit-antihomofobia– havia sido pensado durante o governo da presidenta Dilma Rousseff, e tinha por objetivo ensinar as crianças e jovens a

respeitarem os indivíduos, independente da sua orientação sexual. O material não chegou a ser disponibilizado nas escolas devido à pressão de bancadas conservadoras, no congresso nacional

Durante a mesma eleição, a vice-candidata à presidência, Manuela d'Ávila, também foi vítima de desinformações, tendo sido divulgada uma foto em que a candidata tem os escritos de sua camiseta - com a frase "rebele-se" -, adulterados para a frase "Jesus é travesti", causando grande comoção entre seus próprios eleitores.

Dentre outros candidatos à presidência que tiveram suas imagens distorcidas, estão: Ciro Gomes, que foi acusado de espancar a atriz Patrícia Pillar, sua ex-esposa (ela foi em rede nacional desmentir a informação e demonstrar apoio ao ex-marido); e, Marina Silva, que foi acusada de liderar um grupo de pessoas que invadiram fazendas no Acre, em 1986 (oportunidade em que a candidata havia apenas participado de um ato político contra o desmatamento por seringueiros, na fazenda Bordon, na cidade de Xapuri, no Acre).

Diante dos diversos exemplos, que se acumularam ao longo do tempo, a verificação/checagem da legitimidade da informação passa a ser um recurso de destaque.

Scofield Junior (2019) evidencia as principais formas de checagem dos fatos, na seguinte ordem:

O chamado fact-checking, que consiste em verificação de declarações, ou seja, há uma fonte on the records dizendo algo que pode ser checado; o debunking, que é a verificação de algo sem fonte oficial (incluindo memes e fotos adulteradas que circulam sem autor nas redes sociais abertas, como Facebook ou Twitter, e fechadas, como WhatsApp e Messenger); e o verification, que é a checagem da veracidade de conteúdos, principalmente vídeos, de fontes não oficiais e produzidos de forma automatizada. (p. 63)

Scofield Junior (2019) salienta a respeito dos conteúdos produzidos de forma automatizada: "Esta é a grande fronteira de expansão das notícias falsas por conta da sofisticação das tecnologias de adulteração de vídeos por meio do uso de inteligência artificial, a chamada deepfake." (p.

63). Por essas observações, observa-se que a não checagem da informação contribui para a proliferação de notícias falsas.

Tobias e Corrêa (2019) advogam que as desinformações estabelecem uma relação com a “pós-verdade” quando negligenciam a verdade, fazendo com que as pessoas não se interessem em saber se algo é verdadeiro ou falso, mas, sim, com a reafirmação de sua ideologia, prática que ganha impulso nas bolhas informacionais – por agregarem pessoas e grupos com opiniões, crenças e ideologias semelhantes –, desvinculando tais pessoas do contexto histórico-social real.

No âmbito das comunicações humanas, quanto mais rápido uma informação é divulgada, maior a probabilidade de ser falsa ou tendenciosa, ao passo que a credibilidade é arriscada na medida em que se diminui o tempo de reflexão sobre um conteúdo, dado que se aumenta a velocidade de resposta comunicacional (SILVA, 2018).

Leite e Matos (2017) apontam que a velocidade pela qual se propagam informações causa perda do sentido inicial, ou do contexto original em que a informação foi produzida. Assim, frente à rapidez imposta pela virtualidade, é preciso analisar a confiabilidade e a veracidade das informações, pois se antes da *Internet* as notícias eram escassas, agora seu acúmulo se tornou exorbitante, sendo necessário a adoção de filtros e/ou checagem de fontes, visando identificação de procedência que garantam qualidade e confiabilidade.

Tornou-se vital não apenas estar em contato com as informações, mas também separar conteúdos verdadeiros dos falsos. Os termos *fake news*, pós-verdade e desinformação estão presentes nesse contexto, sendo debatidos e veiculados em diferentes situações.

Informações falsas e sensacionalistas são espalhadas na *Internet* com a intenção de provocar curiosidade ou espanto, dentre outros efeitos não salutares ao contexto comunicacional. Leite (2020) cita como exemplo a pesquisa publicada pelo jornal *The Washington Post* que abrange cientistas da área de computação da Universidade de Columbia e do Instituto Nacional Francês, pela qual se indica que 59% dos *links*

compartilhados nas mídias sociais não são clicados, o que significa que a maioria das notícias são repassadas sem nunca serem lidas.

Ou seja, no contexto da pesquisa, o que as pessoas fazem é julgar pelo título da matéria, reduzindo o conteúdo ao que a manchete denuncia. Nesta situação, toma-se a “parte pelo todo”, julgando o que se noticia pelo impacto do título, sem considerar que o mesmo foi produzido com a função de atrair e seduzir o leitor para a leitura, não informá-lo completamente.

Outra questão adjacente é a ação de expressar adesão por meio do registro de *likes* nas postagens que tem um poder extraordinário e, ao mesmo tempo prejudicial, porque o meio virtual tem a capacidade de julgar as ações através de uma simples curtida, desta forma, quanto mais curtidas tem uma postagem mais verdadeira é considerada.

Na ótica de Gavasso (2019, p.11), o termo *fake news* tem sua tradução literal, pelo *Dicionário de Cambridge*, como: “[...] histórias falsas que, ao manterem a aparência de notícias jornalísticas, são disseminadas pela Internet ou por outras mídias, sendo normalmente criadas para influenciar posições políticas, ou como piadas” (2019, p.11).

Para a jornalista Claires Wardle (2017), as notícias falsas são classificadas em sete tipos diferentes, com a seguinte configuração: de conteúdo manipulado; de falso contexto, que se utiliza de conteúdo verdadeiro em um contexto falso; de falsa conexão, que faz uso de manchetes, legendas ou imagens que dão uma falsa impressão de veracidade; de conteúdo fabricado, sendo produzida uma informação completamente falsa, com a intenção de causar dano ao outro; de conteúdo impostor, que se utiliza de fontes confiáveis, mesclando informações verdadeiras e falsas em um mesmo conteúdo; de conteúdo enganoso, com uso de informação enganosa; e, visando sátira ou paródia, que tem a intenção de iludir através do riso.

Para Silva (2020), o ambiente das redes sociais tem uma forma muito peculiar de difundir notícias falsas, conhecida como a “cultura da partilha”. Com o uso das tecnologias digitais, o ser humano naturalizou os

acontecimentos da sua vida pessoal e profissional, sendo normal observar redes sociais cheias de fotos e compartilhamento de ideias. Essas práticas dividem opiniões e inserem as pessoas em bolhas informacionais, em que pessoas com opiniões parecidas se juntam e acabam por fortalecerem e solidificarem essas bolhas informacionais compartilhadas.

Esse fenômeno do compartilhamento das informações por afinidade passou a importar mais do que a própria ética de compartilhamento por intenção fidedigna de informar ou comunicar. O que passou a contar mais, nessa situação, foi o interesse de fortalecer o engajamento em detrimento da solidez dos fatos.

Kaufman (2019) aponta, acerca disso, que a explosão de dados mudou o modo como a informação se dispersa. Para o autor, não é livre o modo como estamos conectados no mundo virtual, mas existe um algoritmo que seleciona as informações dentro do nicho informacional de cada pessoa, ou de cada bolha informacional, sendo selecionada de acordo com cada perfil (KAUFMAN, 2019).

Para Conde e Alcará (2018), compartilhar informações em redes sociais se tornou algo comum entre as pessoas, especialmente por aquelas que já nasceram inseridas nesse contexto de bolha digital – a chamada geração nativos digitais.

Na atual sociedade em rede não precisa ser jornalista para criar uma notícia. A *Internet* é um espaço aberto, em que todos podem veicular, expressar opiniões. Contudo, a consequência de tanta liberdade e colaboração repercute na credibilidade dessas veiculações, em que as pessoas que estão produzindo informações no ambiente virtual, por vezes, não se importam com a informação que está sendo veiculada, mas sim com a demonstração de estarem ativas, com grande audiência ou visibilidade.

Nascimento (2019) esclarece que a desinformação busca confundir o público, sendo um fenômeno cada vez mais presente nas mais diversas plataformas sociais, promulgados por ambientes que atuam exclusivamente na manutenção da desinformacionalidade, pela produção

e veiculação de conteúdos falsos.

Nas palavras de Pinheiro (2019), a desinformação se corporifica pela disseminação de mentiras intencionais, tendo por característica a afirmação de um fato que ainda não aconteceu (inventado), cuja intenção é a de despertar no indivíduo algum sentimento que o faça reagir ao incômodo ou satisfação resultantes do contato com o conteúdo.

Com efeito, as *fake news* podem ser compreendidas como mentiras com concepções muito bem demarcadas, nas seguintes condições:

1. São uma falsificação de relato jornalístico ou enunciado opinativo nos moldes dos artigos publicados em jornal. Portanto, as *fake news* são uma modalidade de mentira necessariamente pós-imprensa.
2. Provêm de fontes desconhecidas – sua origem é remota e inacessível.
3. Sua autoria é quase sempre forjada. Quando se valem de excertos de textos reais, descontextualizam os argumentos para produzir entendimentos falsos.
4. Têm – sempre – o propósito de lesar os direitos do público, levando-o a adotar decisões contrárias àquelas que tomaria se conhecesse a verdade dos fatos. As *fake news* tapeiam o leitor em diversas áreas: na política, na saúde pública, no mercado de consumo, na ciência (umas asseguram que a Terra é plana).
5. Dependem da existência das tecnologias digitais da internet – com big data, algoritmos dirigindo o fluxo de conteúdos nas redes sociais e o emprego de inteligência artificial;
6. Agem num volume, numa escala e numa velocidade sem precedentes na história.
7. Por fim, as notícias fraudulentas dão lucro (além de político, lucro econômico). Elas se converteram num negócio obscuro. (BUCCI, 2019, p. 41).

Por consequência dessas condições, as notícias falsas são transmitidas mais facilmente e tem um perfil mais popular do que as notícias verdadeiras, característica que revela os sentimentos de carência afetiva ou ódio que estão por trás do fenômeno da desinformação, ainda mais quando tratam de algo mentiroso ou uma fraude (BUCCI, 2019).

Os autores Paula, Silva e Blanco (2018) constatam que as notícias falsas com foco noticioso possuem parte, ou até o todo, composto por informações inverídicas.

Para Bruno e Roque (2019), a simplicidade exposta pela adesão ao compartilhamento das notícias falsas recai no fato da maioria das pessoas acreditarem ingenuamente no que a mesma propala, ou seja,

baseia-se apenas na impressão de confiança que ela aparenta, resultando em um ambiente favorável para proliferação da desinformação.

Nesse contexto, Bruno e Roque (2019), citam o exemplo da estratégia eleitoral do atual presidente do Brasil – Jair Bolsonaro –, cuja campanha foi conduzida mediante o compartilhamento de diversas notícias falsas e tendenciosas, tendo-se por objetivo minar a confiança na campanha de seus adversários, afetando a credibilidade dos fatos apurados e veiculados pela imprensa brasileira.

Em um contexto geral, a desinformação não tem um público alvo. Na realidade querem atingir o maior número de pessoas possível.

Segundo Rates e Takeda (2018), as notícias falsas chegam a toda à sociedade em poucos minutos, não escolhem pessoas, classes sociais e faixas etárias, apenas visam alcançarem o maior número de pessoas o mais rápido possível, apresentando-se irresistíveis aos olhos de quem as lê.

A conhecida “imprensa marrom” deriva um cenário propício ao fenômeno da *fake news*, fazendo com que seus leitores passem a confiar mais no que disseminam que no que é disseminado por fontes seguras da imprensa tradicional. Meneses (2018) advoga que a circulação de notícias falsas é uma realidade vivenciada no cenário global, sendo raro o país em que não se encontre algum tipo de expressão de desinformação.

Na concepção de Cruz (2019), as notícias falsas são usadas para manipular e persuadir a opinião dos indivíduos. A estratégia da manipulação/persuasão sempre esteve presente desde antes da *Internet*, pelo viés da propaganda ou *marketing* televisivos, por exemplo, pelo qual se objetivava moldar e forjar elementos que fossem atrativos para os clientes potenciais de concorrentes comerciais. Todavia, com a chegada da *Internet* e a promessa de ambiência democrática no contexto comunicativo, cada indivíduo se sentiu capaz de debater sobre todo e qualquer assunto, ação que favoreceu e corroborou para certa deformação dos processos de produção e disseminação de informação.

Nascimento (2019) aponta que a produção das desinformação

ocorre de inúmeras formas, dentre as quais: a forma amadora, sem conhecimentos e estratégias de comunicação; e pela forma “profissional”, aplicando técnicas mais elaboradas e empregando robôs para disseminar a informação desejada.

De forma geral, *sites* especializados na produção de notícias falsas mesclam verdades e mentiras, inculcando nas pessoas a falsa sensação de estarem sendo informadas sobre determinado assunto.

Com a proliferação das redes sociais e o seu uso ostensivo na divulgação de notícias, essas plataformas digitais tornaram-se fontes cotidianas de informação. Gavasso (2019) alerta que as *fake news* têm um maior alcance na *Internet* do que as notícias verdadeiras. Um estudo conduzido pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), entre 2006 e 2007, revelou que uma postagem verdadeira alcança em média mil pessoas, enquanto as postagens de caráter duvidoso atingem mais de cem mil pessoas (TOBIAS; CORRÊA, 2019).

Santaella (2019) considera que as *fake news* podem ser interpretadas como boatos, fofocas e rumores com a intenção de fornecer informações enganadoras, sempre com a intenção de manipular ideias. Assim, as redes e mídias sociais favorecem a novidade através do aumento do compartilhamento acelerado de informações, aspecto pelo qual as pessoas acabam por alimentar seus egos.

Müller e Souza (2018) também consideram as *fake news* semelhantes ao boato, configurado pela condição de que um mesmo assunto tenha sido comunicado por muitas pessoas sem que nenhuma delas saiba a origem, com a repercussão de que quanto mais se espalha, mais identidade de boato se assume. O mesmo acontece com a desinformação, pois quanto mais se compartilha uma informação falsa, mais tendenciosa fica sua repercussão.

À vista disso, Conde e Alcará (2018) explicam que as chamadas notícias sensacionalistas são espalhadas através do “*click bait*”, ou seja, isca de clique (em alusão a um anzol que fiska o leitor pelo título). Na *Internet*, o número de informações falsas chega a ser superior ao número

de informações verdadeiras, sendo considerado um negócio lucrativo que gera uma receita significativa de publicidade para o *site* e para a venda de serviços.

Este atrelamento de um lucro econômico ao fenômeno gera, por consequência, um aumento da circulação de notícias falsas, principalmente nas redes sociais – espaço de divulgação também de marcas e serviços –, criando uma dificuldade ainda maior para diferenciar o conteúdo verdadeiro das informações inverídicas disponíveis na *Internet* – aquilo que de fato não tem fundamentos fidedignos (OLIVEIRA, p. 2018).

A desinformação acontece quando o indivíduo perde o senso crítico e age como propagador de informação inconsistente, valorizando mais suas crenças pessoais ao analisar a opinião sobre um fato do que o fato em si, preferindo, assim, considerar o conteúdo que satisfaz mais suas convicções pessoais em detrimento da realidade existente no mundo histórico e social.

Delmazo e Valente (2018) revelam uma situação preocupante da atualidade, pela qual as pessoas não se interessam mais em ler uma notícia por completo. No geral, poucas pessoas leem até o fim a matéria. A grande maioria desiste de ler logo no primeiro parágrafo um texto da *Internet*; um pouco menos chega até o segundo parágrafo quando a notícia é considerada atraente; um público menor ainda avança para o terceiro parágrafo; e uma parcela ínfima finaliza a leitura do texto todo, hábitos que favorecem circulação e invenção de informações distorcidas, uma vez que não se buscam leituras complementares para a legitimação da notícia.

Neste cenário, a desinformação é um fenômeno que pode ser subentendido como anteparo para fortalecimento de crenças e impressões pessoais, em detrimento à veracidade dos fatos. Fallis (2015) defende que a desinformação causa um cenário instável, de insegurança, uma vez que na maior parte do tempo não se tem certeza se a notícia que se está consumindo compreende algo de realmente crível.

Na concepção de Brito e Pinheiro (2015), a desinformação se dá por meio da informação manipulada, mediante produtos informacionais de baixo valor cultural, com fins de domesticação dos vários setores sociais, buscando, portanto, enganar as pessoas propositalmente. Já para Ripoll e Canto (2019), parafraseando Floridi (2010), a desinformação significa qualquer ação informacional promovida por um dado não verdadeiro, não sendo considerada uma forma legítima de informar, pois sua função não é “dar forma” a algo verdadeiro.

Nas palavras de Leite e Canto (2019), o termo desinformação diz respeito a qualquer ação informacional baseada em um dado não verdadeiro, mas resultante de uma intenção de confundir. Santaella (2019), parafraseando Claire Wardle (ano), a partir de sua pesquisa do *First Draft* - instituto ligado à Universidade de Havard -, considera o termo *fake news* muito complexo, sendo mais oportuno o uso do termo desinformação para se referir às informações maliciosas e à criação de mentiras nesse contexto de manipulação da verdade.

Na opinião de Silva (2019), a informação manipulada é resultado de informação de baixa qualidade, tendo por objeto a instigação de atitudes e comportamentos determinados, mobilizados por interesses escusos de seus produtores.

Brito e Pinheiro (2015) indicam que o conceito de desinformação surgiu nas grandes guerras como uma estratégia para enganar o inimigo acerca do planejamento de ataques rivais. Atualmente, a desinformação ocorre mediante a sobrecarga de informações inverídicas.

Basile (2018) ressalta que o país que mais aceita notícias falsas é o Brasil, pois, segundo o autor, uma pesquisa feita em 27 países pelo instituto IPSOS (2017) revelou que mais de 60% dos brasileiros acreditam em notícias compostas de mentiras, o que, no contexto dessa investigação, deriva uma crise informacional, devido à grande quantidade de informações disponíveis nos meios de comunicação, e a urgência dos meios de comunicação em noticiar um fato novo, em primeira mão, a cada segundo.

O alto índice de informações disponíveis sem a devida apuração do fato é, em muitos casos, fruto dessa aceleração dos processos de produção e compartilhamento. Quanto mais rápido uma notícia é produzida e se espalha, maior a chance de imprecisão no tratamento dos acontecimentos, abordando-os de maneira superficial.

O processo de desinformar está circunscrito em uma paleta tênue de variações que vão do direito à liberdade de expressão até a *fake news* como crime, presentes nas redes, passando por definições como calúnia, difamação ou injúria - no âmbito jurídico, as *fake news* são consideradas notícias fraudulentas, mentiras, sendo tendenciosas, caracterizadas pelo objetivo de enganar os leitores (GAVASSO, 2019).

Noutro espectro, e de acordo com Leite e Canto (2019), muitos casos de desinformação não se enquadram como calúnia, difamação ou injúria, (por exemplo, fatos distorcidos, adulterações de imagens, *clickbaits*, "memes"), não sendo considerados crimes, e, portanto, de difícil controle por não ser visto como algo que infrinja regras sérias ou produza mal a alguém.

Nessa perspectiva de controle da desinformação, Horbach (2019) ressalta que o material encontrado no ambiente virtual só pode ser bloqueado caso tenha infringido algum direito do ser humano, como a sua liberdade de expressão, o que não é o caso quando se impede a disseminação de algo que se comprove como estimulação ao crime por meio de ofensa ou ódio, em diversos níveis.

O problema da desinformação é sem dúvida um dos grandes desafios da atualidade que, na ótica dessa investigação, precisa ser enfrentado por meio de seu reconhecimento em suas diversas formas de ocorrência, procedendo-se a análise de sua origem enquanto notícia falsa, interditando-se, assim, sua fonte primária, e, conseqüentemente, sua circulação nas redes sociais.

2.1.3 Pós-verdade e a Diminuição da Importância da Objetividade dos Fatos

Eleita a palavra do ano de 2016 pelo dicionário de Oxford, pós-verdade consiste na ação de desinformar, sendo alocada como um fenômeno ligado às mídias sociais em tempos líquidos. O termo indica tudo que é: “[...] relativo ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influenciadores na formação da opinião pública do que apelos à emoção ou à crença pessoal” (DICIONÁRIO OXFORD, 2016, p. 1).

Para Silva (2018), a definição de pós-verdade apresentada pelo *Dicionário Oxford* revela, explicitamente, um fenômeno pelo qual as crenças pessoais se sobrepõem aos fatos reais.

O jornalista D’Ancona (2018) alega que a pós-verdade e *fake news* não tem o mesmo significado, a resposta que o público traz com isso, o modo que aprendemos, é muito presente entre o eleitorado político na eleição de Trump quase 70% das suas declarações eram consideradas “predominantemente falsas” ou “mentirosas”.

O termo pós-verdade ainda é bastante recente no contexto acadêmico, espaço em que autores como França, Suzart e Ribeiro (2018) repercutem sobre a pós-verdade, revelando-a como liberdade do indivíduo em produzir qualquer informação e compartilhá-la nas redes e mídias sociais, o que as torna mais suscetíveis ao erro porque não buscam a fonte, sendo uma prática pautada pelo “achismo” e não pelo embasamento em fatos, o que apresenta o risco de romper com a qualidade de legitimidade da informação.

Segundo Dante Filho, Luiz Felipe Pondé (BLOG DO DANTE FILHO, 2017) contribui com este entendimento ao considerar que a pós-verdade é materializada pela ação de divulgar conteúdos considerados importantes para um determinado grupo (visando reforçar o pensamento coletivo), ou por meio de declarações ambíguas, baseadas em declarações equivocadas, não confirmadas, ou mentiras propositais, podendo render

lucro monetário ou influenciar resultados eleitorais.

Na visão de Silva (2018), o termo pós-verdade traz o sentido de deturpação da verdade, o apelo às emoções, a satisfação das crenças e a deformação da realidade. Se aproximando do senso comum, tem a intenção de descaracterizar a relação entre o verdadeiro e o falso, entre a falta de sentido e de significado, que se dá por meio da relação de exclusão de verdadeiro e falso (SILVA, 2018).

Sampaio, Oliveira e Olegário (2019) defendem que a pós-verdade não é uma mera mentira, mas que a mesma vem acompanhada de diversos macetes para mobilização dos indivíduos e transformação da crença popular em opinião consensual, um fenômeno que ganha cada vez mais força com as redes sociais, em que as trocas de informações são um forte motor para a formação da pós-verdades. Por essa ótica, o que em um momento é considerado verdade, em outro momento pode não mais ser, a depender o fluxo de concordância acerca do tema.

A linha que separa a pessoa bem informada de uma pessoa desinformada se torna cada vez menor, porque é cada vez mais difícil diferenciar as verdades e as mentiras presentes nas redes sociais (SAMPAIO; OLIVEIRA; OLEGÁRIO, 2019).

Angelis (2017) advoga que o princípio da pós-verdade consiste em obter indivíduos sendo manipulados e enganados pela desinformação mais aprazível ao seu desejo. Em outras palavras, quando uma pessoa se depara com alguma informação que reforça sua ideologia, independente de sua veracidade, continuando a replicá-la - tomada por seus sentimentos de satisfação e controle irracionais -, prevalece o ímpeto emocional no lugar do pensamento racional, estreitando as relações de similaridade com grupos sociais que compartilham das mesmas opiniões.

A pós-verdade ganha fundamento extensivo nas redes sociais.

A *internet* proporcionou a divulgação de informações em um *click* que dissemina o teor de uma mensagem em larga escala, ao redor do globo. E, na visão de Sala (2019), as redes sociais intensificaram a propagação da pós-verdade nessa mesma sistemática, enfatizando que a

grande responsabilidade agora é educar os usuários das redes sociais para não compartilharem desinformação, denunciando pessoas e grupos que o fazem.

De acordo com as afirmações de Horbach (2019), a mídia percebeu a dificuldade de separar a verdade e a mentira – por essa separação se deparar com um processo totalmente emocional -, tornando-se essencial preparar os indivíduos para discernirem o correto do incorreto, recorrendo-se às bases de uma psicologia emocional que possibilite analisar as bolhas informacionais, trabalhando a necessidade de consideração da realidade em detrimento da ilusão egóica.

De acordo com Leite (2020), o termo pós-verdade foi popularizado no ano de 2005, nos Estados Unidos, como expressão informal empregada no cotidiano, e relacionada à verdade, trazendo a ideia de verdade como uma realidade paralela, alternativa. Ainda segundo a autora, basendo-se em classificação da agência Lupa (2015), pelas seguintes etiquetas/condições:

[...] *verdadeiro* — quando o conteúdo está comprovadamente correto; *verdadeiro, mas* — a informação está correta, mas o leitor merece mais explicações; *ainda é cedo para dizer* — a informação pode vir a ser verdadeira. *Ainda não é*; *exagerado* — a informação está no caminho correto, mas houve exagero; *contraditório* — a informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte; *subestimado* — os dados são mais graves do que a informação; *insustentável* — não há dados públicos que comprovem a informação; *falso* — a informação está comprovadamente incorreta; *de olho* — etiqueta de monitoramento. (LEITE, 2020, p. 84, grifo da autora).

De modo a contribuir com a questão, a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) - explorando algumas das maneiras do profissional bibliotecário atuar no combate aos fatos e notícias falsas - estabeleceu dicas importantes para ajudar na identificação das notícias falsas, apresentadas em um Infográfico intitulado “Como detectar notícias falsas”:

Figura 1. Dicas para ajudar na identificação de *fake news*



Fonte: IFLA (2020).

Na visão de Santaella (2019), as notícias são classificadas de um lado como verdadeiras e do outro como falsas, significando dizer que as falsas são difundidas mais facilmente, em qualquer categoria que se encontre. Logo, uma notícia falsa tem a chance de ser 70% mais compartilhada do que uma notícia verdadeira, porque possui um maior conteúdo emocional, como medo, antecipação, raiva, tristeza, alegria, surpresa, confiança, desgosto e alegria.

Devido a essa mistura de sentimentos, os indivíduos são muito mais responsáveis pela proliferação das notícias falsas, do que os robôs que são contratados para espalhar as desinformações (SANTAELLA, 2019).

Para Adorno e Silveira (2017), as palavras “*fake news*” e “*pós-verdade*” partem de sentimentos como verdade e mentira, real e ficção,

atual e virtual. Dantas e Rocha (2018) apontam que o discurso da pós-verdade traz a negação da episteme de si. Araújo (2020), observa que a verdade, no âmbito da pós-verdade, torna-se aquilo que se acredita, livre de afirmações ou evidências, tendo-se por objetivo trazer o maior número de curtidas e compartilhamentos, distanciando a população da realidade do mundo.

A diferença entre as *fake news* e a pós-verdade consiste basicamente no entendimento de que as *fake news* não tem a necessidade de apresentar fatos verídicos, já a pós-verdade tem a apelação dos aspectos emocionais de uma narrativa aparentemente realista (PAULA; SILVA; BLANCO, 2018).

Silva (2018) evidencia que a pós-verdade tem alguns traços visíveis que são a intencionalidade prévia, “[...] a prioridade é que haja uma conciliação entre aquilo que se tenciona e os resultados necessários para concretizar a intencionalidade” (p. 6); a padronização, “[...] medidas que expliquem através de imagens e textos curtos e diretos sobre várias questões diferentes da realidade” (p. 6); a ética como fenômeno secundário e anacrônico, “[...] a pós-verdade possui uma inversão de valores, não pelo valor da verdade, mas pelo potencial de convencimento” (p. 7); e a massificação da informação, “[...] quanto mais uma informação é curtida e compartilhada, mais a pós-verdade se alimenta e ganha contornos” (p. 6).

A veracidade das informações muitas vezes não tem uma enunciação explícita, abrindo espaço para o desenvolvimento de notícias falsas com base em equívocos interpretativos, por exemplo, por meio de uma informação produzida pela conjunção de título descontextualizado e uma imagem idem, levando as pessoas tirem conclusões precipitadas. (SILVA, 2018).

Gimenez e Oliveira (2019), parafraseando o pensador Nietzsche, consideram que em tempos de pós-verdade “não há fatos, apenas versões”. Ótica pela qual se entende que as notícias falsas e os boatos podem ser baseados nesse princípio de uma “narrativa” sobre a realidade,

ou seja, o mundo não é composto de fatos, mas sim de ideologias.

Na pós-verdade, tem-se a recusa do outro, ou seja, gera-se uma indiferença frente ao outro. Com efeito, a pós-verdade tem a informação como um veículo que transita desordenadamente aproveitando o caos do ambiente virtual, e utilizando-se da escassez (ou fragilidade) de princípios éticos, sobretudo na web (SILVA, 2018). Não se tem por objetivo discernir, nesse contexto, algo bom do ruim, mas se busca apenas suprir a ânsia de credulidade dos indivíduos.

Os filósofos discutiram a verdade, cada um em seu tempo.

No artigo de Sampaio, Oliveira e Olegário (2019), os autores apresentam o uso da verdade pelos filósofos: em Platão, pela interpretação filosófica do chamado Mito da Caverna, a concepção de verdade se dá pelo afastamento do mundo conhecido pelo personagem, reduzido às sombras projetadas na parede da caverna (a ideia da verdade como própria luz projetora, atrás do herói); em Foucault, a verdade é relacionada aos jogos de poder; em Arendt, se questiona a verdade de Platão (chamada de verdade metafísica) e se passando a chamá-la de verdade filosófica, contrapondo-a à verdade científica, que precisa de *status* para alcançar esse método científico, e à verdade factual, no campo político; já em Nietzsche, a verdade é uma forma de pensar, sua verdadeira essência, quando comparada a mentira (SAMPAIO; OLIVEIRA; OLEGÁRIO, 2019).

Carvalho e Mateus (2018) defendem que o conceito de pós-verdade está baseado na banalização da verdade, em que as pessoas preferem acreditar nas crenças e valores do que acreditar nos acontecimentos e na neutralidade científica, às vezes, nesse espectro de banalização, deteriora-se os limites do que vem a ser uma mentira e uma verdade, o que fortalece ainda mais o risco de desinformação.

A pós-verdade não está relacionada ao crescimento e popularização da *Internet* e das redes sociais, mas é notável que o uso desses recursos tecnológicos potencialize os impactos negativos proporcionados pelo compartilhamento das informações em um meio de produção tão

promissor.

É um fato incontestável que em toda a história humana o desenvolvimento de tecnologias auxiliou no avanço social, passando a ser, no estado atual, encarado como um problema a ser observado de forma urgente pelos governos, empresas de mídia, população em geral, e por distintos campos científicos, como é o caso da Ciência da Informação.

Araújo (2020), por exemplo, considera a pós-verdade um fenômeno que, aliado ao tema de tecnologia, introduz implicações significativas na maneira como a informação é produzida, compartilhada, consumida e utilizada, decorrendo a exigência de um olhar vigilante, e um posicionamento de resistência da Ciência da Informação frente às consequências negativas da pós-verdade (ARAÚJO, 2020).

Considerando-se o exposto, julga-se pertinente identificar as estratégias de combate à desinformação, seja nas mídias digitais que são discutidas e apresentadas na Ciência da Informação, seja nos processos por ela estudados.

A próxima seção contextualiza os procedimentos de pesquisa adotados na etapa 2 (busca de aprofundamento do tema, com foco em textos que abordaram a questão de combate à desinformação no âmbito das mídias sociais).

2.2 APROFUNDAMENTO TEMÁTICO: ESTRATÉGIAS CONTRA A DESINFORMAÇÃO

Esta etapa se deu pelos processos de coleta de trabalhos científicos em base de dados de alcance internacional (Web of Science), e subsequente análise pelo método de Análise de Conteúdo, visando a realização de um aprofundamento temático a partir de um levantamento de estratégias de combate ao fenômeno da desinformação em nível mundial.

Ressalta-se que a escolha do procedimento de Análise de Conteúdo decorreu do importante papel que esta desempenha em pesquisas de

abordagem qualitativa, método que tem conferido, desde a década de 1950, um cunho social às pesquisas científicas de natureza empírica, ao passo que proporciona uma análise objetiva de material textual diverso, mediante o seu esgotamento interpretativo.

Nas palavras de Chizzotti (2006, p. 98), “[...] a escolha do procedimento mais adequado depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do analisador”.

Neste sentido, consideramos ser este um direcionamento adequado, uma vez que a intenção foi o de produzir um levantamento de estratégias de combate ao fenômeno da desinformação nas mídias sociais. Estratégias passíveis de serem identificadas no conteúdo das pesquisas conduzidas sobre o tema, tendo como objetivo central a divulgação de tais procedimentos estratégicos entre a comunidade profissional e científica do campo da informação – cumprindo assim com o terceiro objetivo específico.

A precisão e rigor da Análise de Conteúdo estão fundamentados na execução de suas fases, indispensáveis para a condução de pesquisas com maior destreza e exatidão, segundo Bardin (2016), essas fases são compostas das ações de:

1) “Pré -análise”: pela qual o material é organizado para a constituição do *corpus* da pesquisa. Nesta fase, os resumos dos documentos selecionados serão lidos para a composição das categorias de análise ou categorização semântica. Ou seja, de modo prático, a escolha dos documentos deve ser baseada com a formulação de hipóteses e elaboração de indicadores, os quais irão nortear a interpretação final, sendo necessário observar algumas regras, quais sejam: exaustividade (esgotamento do assunto); representatividade (completude do universo pesquisado); homogeneidade (convergência de temas, técnicas e indivíduos); pertinência (adequação documental aos interesses da pesquisa); e, exclusividade (classificação unívoca dos elementos em uma única categoria).

2) “Exploração do material”: momento em que o pesquisador tem

contato direto e intenso com o material de campo. Bauer e Gaskell (2008) advogam que a Análise de Conteúdo é indispensável para a redução da complexidade oferecida por um conjunto de textos, sendo que “[...] a classificação sistemática e a contagem de unidades do texto destilam uma grande quantidade de material em uma descrição curta de algumas de suas características” (p. 191). Portanto, esta etapa foi conduzida mediante a leitura completa do *corpus* de pesquisa, como indicado por Bardin (2016).

3) “A busca do sentido ou dos sentidos de um documento”: conduzida a partir do: “[...] tratamento dos resultados, inferência e interpretação” (CAMPOS, 2004, p. 611). Nesse sentido, e por se trabalhar-se com um conjunto pequeno de materiais para a análise, o tratamento e inferências do material foram pautadas em uma única categoria de assunto.

No que concerne à escolha da fonte de pesquisa, optou-se pela Web of Science (WoS), nessa etapa, em razão da mesma se destacar como uma das mais importantes plataformas projetadas para apoiar as pesquisas científicas e acadêmicas em todo o mundo. Contando com mais de 20.000 revistas acadêmicas revisadas por pares, incluindo periódicos de Acesso Aberto, cumprindo com os ideais da Ciência Aberta -, sendo consideradas as publicações científicas em formato de artigo científico que exploraram o tema citado como de interesse.

Complementa-se ainda, que além do *status* ocupado pela Web of Science, acima observado - sendo amplamente elegível como fonte de informação pelos pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação na condução de diversos estudos -, a escolha desta base de dados se justificou, também, por uma questão prática, pois a mesma possibilita a coleta temática de registros mediante a aplicação de filtro para a seleção da área do conhecimento.

Para acesso à plataforma, recorreu-se ao Portal de Periódicos da

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)², tendo o processo de busca ocorrido no mês de janeiro de 2021, sendo empregadas as seguintes estratégias de busca:

- Pesquisas científicas em formato de artigo científico;
- Materiais publicados entre o período de 2015 a 2020 (período de maior projeção do fenômeno da desinformação);
- Materiais disponíveis em acesso aberto;
- Materiais publicados nos idiomas português, inglês e espanhol;
- Busca no campo *Topic*, para que os termos aplicados fossem pesquisados, considerando-se: título, resumo e palavras-chave dos artigos científicos;
- Emprego dos termos descritores de busca (apresentados no Quadro 1); e
- Uso do operador booleano AND (e) para a combinação dos termos, de modo que o resultado compreendesse publicações que contivessem duas ou mais combinações de termos.

Quadro 1. Descrição das estratégias de busca empregadas

Estratégia	Detalhamento
Base de dados: Web of Science	Campo: Tópico Categoria: <i>INFORMATION SCIENCE LIBRARY SCIENCE</i>

² Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

Descritores	<p> "notícias falsas" AND "mídia social"; "notícias falsas" AND "mídias sociais"; "notícias falsas" AND "rede social"; "notícias falsas" AND "redes sociais"; "informação falsa" AND "mídia social"; "informação falsa" AND "mídias sociais"; "informação falsa" AND "rede social"; "informação falsa" AND "redes sociais"; "desinformação" AND "mídia social"; "desinformação" AND "mídias sociais"; "desinformação" AND "rede social"; "desinformação" AND "redes sociais"; "fake news" AND "digital media"; "fake news" AND "social media"; "false information" AND "digital media"; "false information" AND "social media"; "disinformation" AND "digital media"; "disinformation" AND "social media"; "noticias falsas" AND "medio digital"; "noticias falsas" AND "medios digitales"; "noticias falsas" AND "red social"; "noticias falsas" AND "redes sociales"; "información falsa" AND "medio digital"; "información falsa" AND "medios digitales"; "información falsa" AND "red social"; "información falsa" AND "redes sociales"; "desinformación" AND "medio digital"; "desinformación" AND "medios digitales"; "desinformación" AND "red social"; "desinformación" AND "redes sociales". </p>
Tipo de documento	Artigos de periódicos
Idioma	Português, inglês e espanhol
Período de publicação	2015 a 2020
Critérios de inclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Acesso ao texto completo; - Foco em <i>fake news</i> nas mídias sociais; - Foco no combate às <i>fake news</i> nas mídias sociais.
Critérios de exclusão	<ul style="list-style-type: none"> - Estudos que tratam do tema de maneira genérica, sem fazer menção às estratégias de combate às <i>fake news</i> nas mídias sociais; - Materiais recuperados cujo foco não atende ao escopo da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa.

Tendo sido empregados os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados (dos 115 registros obtidos) 12 documentos que discutem o fenômeno da desinformação nas mídias sociais, oferecendo contribuições

para o problema a partir da indicação de estratégias de combate à disseminação de notícias falsas e desinformação no contexto das mídias sociais.

A constituição do conjunto de 12 documentos foi pautada pela Análise de Conteúdo, sendo o método aplicado nesta fase de análise e seleção em todos os documentos recuperados com as estratégias de busca empregadas na Web of Science, especialmente com a leitura, pela pesquisadora, do título, resumo e palavras -chave.

O Quadro 2 apresenta os artigos científicos que constituem o *corpus* de pesquisa dessa etapa, sendo apresentados os dados relativos ao ano de publicação por ordem decrescente, a autoria, o título da pesquisa e o respectivo período de publicação, a saber:

Quadro 2. Publicações selecionadas para a análise

N.	Ano	Autoria	Título
1	2020	CASERO-RIPOLLÉS	<i>Impact of Covid-19 on the media system. Communicative and democratic consequences of news consumption during the outbreak.</i>
2	2020	MARIN	<i>Three contextual dimensions of information on social media: lessons learned from the COVID- 19 infodemic.</i>
3	2020	MERTOĞLU; GENÇ	<i>Automated Fake News Detection in the Age of Digital Libraries.</i>
4	2020	ARDEVOL-ABREU; DELPONTI; RODRÍGUEZ-WANGÜEMERT	<i>Intentional or inadvertent fake news sharing? Fact-checking warnings and users' interaction with social media content.</i>
5	2020	SALAVERRÍA et. al	<i>Desinformación en tiempos de pandemia: tipología de los bulos sobre la Covid-19.</i>
6	2020	ALEIXANDRE-BENAVENT; CASTELLÓ-COGOLLOS; VALDERRAMA-ZURIÁN	<i>Información y comunicación durante los primeros meses de Covid-19. Infodemia, desinformación y papel de los profesionales de la información.</i>
7	2020	LAATO et al.	<i>What drives unverified information sharing and cyberchondria during the COVID- 19 pandemic?</i>
8	2019	NEVES	<i>Recursos que podem apoiar o bibliotecário no combate às Fake News nas mídias sociais.</i>

9	2019	MARTINEZ-CARDAMA; ALGORA-CANCHO	<i>Lucha contra la desinformación desde las bibliotecas universitarias.</i>
10	2019	AHMED; LUGOVIC.	<i>Social media analytics: analysis and visualisation of news diffusion using NodeXL.</i>
11	2019	BERNAL-TRIVIÑO; CLARES-GAVILÁN	<i>Uso del móvil y las redes sociales como canales de verificación de fake news.</i>
12	2018	DEL-FRESNO-GARCÍA; MANFREDI-SÁNCHEZ	<i>Politics, hackers and partisan networking. Misinformation, national utility and free election in the Catalan independence movement.</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

A fim de favorecer a análise dos dados coletados e obter um entendimento mais aprofundado sobre a configuração das pesquisas identificadas sobre desinformação nas mídias sociais, a Análise de Conteúdo também pautou o tratamento e interpretação do *corpus* final da pesquisa, visando uma análise qualitativa do material.

Esta análise pormenorizada propiciada pelo método visou oferecer uma contextualização mais detalhada sobre as principais abordagens que cobrem este tema no universo da Ciência da Informação, de modo a compreender os entendimentos e encaminhamentos teóricos dados ao escopo investigativo pela comunidade científica internacional.

Os resultados são apresentados a seguir, conforme a análise de conteúdo categorial, a qual se deu mediante as inferências e interpretações, então obtidas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta etapa da pesquisa são descritos os resultados obtidos mediante a análise de conteúdo das publicações selecionadas. As descrições aqui apresentadas visam oferecer uma caracterização geral dos estudos, considerando o foco e principais resultados e/ou recomendações de cada um dos artigos científicos analisados.

Em um segundo momento, a descrição versará sobre as estratégias de combate as desinformações em mídias sociais que os estudos indicaram ou consideraram como oportunas para solução da questão investigada.

Assim, para a apresentação dos resultados, optou-se, inicialmente, por uma contextualização geral dos estudos, com aprofundamento, em seção seguinte, para o interesse desta pesquisa: recomendações de estratégias para o combate de notícias falsas nas mídias sociais que cada um dos autores apresentou, considerando que as definições dessas recomendações se deu a partir das respectivas análises e/ou discussões acerca do tema.

3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS ESTUDOS

O primeiro estudo analisado nesta etapa foi desenvolvido por Casero-Ripollés (2020), pelo qual o autor, a partir do contexto da COVID-19, dialoga sobre o papel dos noticiários na apuração dos fatos, e divulgação de informações confiáveis relacionadas à pandemia. Basendo-se no decreto de crise mundial de saúde pública de março de 2020 (CASERO-RIPOLLÉS, 2020) e, por consequência, no valor e urgência de informações consistentes para enfrentamento da COVID-19, Casero-Ripollés (2020) analisou a forma como os indivíduos passaram a ver o inchaço informacional, e a capacidade destes em diferenciarem a verdade da mentira, a partir da realidade estadunidense.

A escolha dos Estados Unidos foi justificada pelo autor dado o grande volume de desinformação sobre a pandemia da COVID-19, espalhada no país. O impacto dessa situação na vida dos cidadãos americanos foi analisado a partir de três variáveis: frequência de consumo de notícias, avaliação da credibilidade da mídia, e a frequência de detecção de notícias falsas.

Como resultados, o estudo Casero-Ripollés (2020) constatou que no início da pandemia os americanos acompanharam ativamente as notícias sobre a crise sanitária, momento em que o consumo de notícias cresceu muito entre a população menos informada, repercutindo positiva e negativamente.

O reflexo positivo foi que, antes da pandemia, poucos jovens liam notícias sobre políticas públicas do país e, naquele momento, a maioria se mostrava atenta e comprometida com a busca por informações de qualidade sobre a situação. Por outro lado, o estudo revelou também que poucos eram os jovens americanos que confiam nas notícias lidas nos canais oficiais, e que esta parcela do público estava mais suscetível a ter contato com a desinformação.

Contraditoriamente, também se verificou um aumento na confiança da mídia tradicional (jornais impressos, revistas, tele-jornais) por parte da população, diminuindo a confiança nas mídias consideradas alternativas (redes sociais), sendo visível a importância de controle comunicacional deste cenário na circulação de notícias falsas nos meios digitais (a população começou a se preocupar com as desinformações compartilhadas e a acreditar que nas mídias tradicionais existe menor probabilidade de publicação de notícias falsas).

Laato et al. (2020), a partir das teorias relacionadas à percepção de saúde e carga cognitiva, desenvolveram e testaram um modelo teórico que levantava a hipótese do motivo pelo qual as pessoas compartilhavam informações falsas sobre o tema da pandemia da COVID-19 em mídias sociais. Os achados da investigação sugeriam que a confiança dos indivíduos nas informações que circulam no ambiente digital, e a

percepção da sobrecarga de informações, eram os principais indicadores de compartilhamento de informações não verificadas, indicando ainda, que esses fatores, aliados à gravidade da pandemia, influenciavam sobremaneira a cibercondria, termo derivado de hipocondria, que no contexto do estudo estava circunstanciado no ambiente virtual.

Sobre isso, o estudo de Laato et al. (2020) revela que as mulheres eram mais propensas a sofrer de cibercondria, e os homens os que mais compartilham notícias falsas. Como sugestão, os autores indicam a criação de medidas destinadas ao aumento do ceticismo saudável no que tange às notícias sobre saúde, além do estímulo à que os indivíduos buscassem se proteger da sobrecarga de informações.

Marin (2020) trabalha com algumas dimensões contextuais da informação nas redes sociais em meio às lições aprendidas com a pandemia da COVID-19. Em seu estudo, o cenário de pandemia também pautou as discussões em torno da explosão de informações imprecisas e irrelevantes nas redes sociais. O autor observa que a Organização Mundial da Saúde (OMS) se posicionou sobre esse problema ao indicar que a sobrecarga de informações na população causaria fadiga, e que os indivíduos não teriam discernimento de separar o que era verdade do que era falso, gerando caos e confusão.

Consequentemente, nesse contexto relatado por Marin (2020), se a população não entendesse quais eram as orientações corretas a serem seguidas em uma crise sanitária mundial, as medidas governamentais tenderiam à ineficácia.

Considerando que as medidas adotadas para conter informações imprecisas, enganosas e irrelevantes se direcionavam mais para a questão da curadoria do conteúdo factual das postagens dos usuários, sem considerar os outros aspectos, Marin (2020) descreve três tipos de contexto informativo - epistêmico fraco, normativo forte e emocional forte -, apresentando medidas educativas no que concerne a aumentar a confiança pública em especialistas, medidas a serem consideradas em futuras situações de crise global.

Em Mertoğlu e Genç (2020) se discute a detecção automatizada de notícias falsas em tempos de bibliotecas digitais. No entendimento dos autores, as mídias sociais alteraram o conceito de alfabetização midiática e os hábitos de consumo das pessoas, sendo a notícia no ambiente digital mais rápida e fácil de serem compartilháveis. Neste contexto, as bibliotecas estão se modernizando com o mundo digital e através dessa variação de notícias verdadeiras e falsas perceberam que, enquanto ambientes devotados a preservação do conhecimento, poderiam colaborar com a distinção e respectiva qualificação dessas notícias.

Para tanto, Mertoğlu e Genç (2020) desenvolveram um mecanismo que verificava a credibilidade do conteúdo digital veiculado em bibliotecas, sem a necessidade da validação manual. Ou seja, um sistema automatizado para detectar notícias falsas - com base em conteúdos encontrados na Turquia, capaz de analisar notícias em qualquer idioma³.

Como justificativa para o desenvolvimento do recurso, Mertoğlu e Genç (2020) consideram que as bibliotecas digitais poderiam ajudar na educação para o uso das mídias sociais e na luta contra o compartilhamento de notícias falsas, devendo o bibliotecário receber treinamento para lidar com desinformação de forma crítica, contribuições que enriqueceriam o ambiente acadêmico.

No estudo conduzido por Salvaverria et. al. (2020), apresenta-se um dos conteúdos de 292 hoaxes (boatos espalhados pelas redes sociais através de textos, imagens, vídeos) sobre a pandemia da COVID-19, coletados em três plataformas de verificação creditadas à Espanha durante 14 de março a 13 de abril de 2020. Como resultados, identificou-se que a maior parte do compartilhamento dos boatos e notícias falsas envolvendo o coronavírus ocorreu nas redes sociais, em especial no WhatsApp.

Aliado aos conteúdos relacionados à pandemia, inúmeros outros

³ Este modelo está em testagem, podendo ser integrado aos sistemas digitais das bibliotecas para rotular conteúdos potencialmente falsos, que poderiam ser transmitidos via essas instituições.

conteúdos falsos sobre questões políticas e governamentais também foram amplamente disseminados nesses ambientes digitais. Ao explorar os formatos, fontes e territórios de origem dos hoaxes, Salvaverria et. al. (2020) identificaram quatro tipos principais: piada, exagero, descontextualização e engano. Além desse esclarecimento, o estudo trouxe contribuições teóricas sobre os transtornos informacionais a partir da análise das pesquisas emergentes dedicadas ao tema, ou seja, para se enfrentar os distúrbios da informação se faz necessário analisar a precisão dos fatos, os quais têm compromisso com a qualidade/imparcialidade e transparência das fontes.

Ardevol-Abreu, Delponti e Rodríguez-Wangüemert (2020), a fim de compreenderem a interação dos usuários com o conteúdo avaliado como falso em mídias sociais, analisaram dados provenientes de 350 usuários de mídia social. De modo geral, os achados do estudo indicaram que o termo “notícias falsas” desempenha um papel instrutivo-preventivo nos usuários de mídia social, derivando sua decisão em não compartilhá-las.

Parte dos participantes da pesquisa demonstraram: desconfiança em recursos e ferramentas de checagem de fatos; e, falta de conhecimento sobre o processo de verificação dos mesmos. Além disso, o estudo revelou que o compartilhamento de notícias falsas é um fenômeno bidimensional, isto é, que inclui comportamentos intencionais e não intencionais.

Como contribuição, Ardevol-Abreu, Delponti e Rodríguez-Wangüemert (2020) apresentam alguns dos motivos que levam os usuários de mídias sociais a compartilharem notícias falsas intencionalmente, condicionados pela falta de referências dos conteúdos compartilhados, e pelo pouco comprometimento com a verdade. Algumas atitudes dos usuários que compartilham notícias falsas são motivadas pela força da orientação ideológica, pela confiança nas informações fornecidas por governos, e também pela dificuldade em distinguir conteúdo falso de opiniões de fato.

Em estudo conduzido por Martínez-Cardama e Algora-Cancho

(2019) analisa o papel das bibliotecas universitárias na conscientização sobre notícias falsas, e a sua problemática, apresentando ações desenvolvidas por 75 bibliotecas de universidade públicas e privadas da Espanha. Nesse contexto (o combate ao fenômeno da desinformação na educação superior), revelou-se a necessidade de as bibliotecas universitárias atuarem como agentes “infomediários” – indivíduos que aproximam a relação das bibliotecas universitárias e o problema da pós-verdade.

O motivo para a condução do estudo decorreu do entendimento das autoras de que a pós-verdade não está presente apenas no jornalismo tradicional, sendo necessário o envolvimento das bibliotecas nesse fenômeno. Para Martínez-Cardama e Algora-Cancho (2019), a maioria das pessoas tem dificuldade de julgar a veracidade das informações, sendo facilmente enganadas por informações publicitárias, além de não saberem distinguir a origem das informações, sendo afetadas pelo uso de mídias sociais e pela disseminação de conteúdo viral.

Outro ponto evidenciado no estudo é de que o bibliotecário deveria atuar na separação de informações falsas das informações verdadeiras nas redes sociais, e não apenas em fontes de informação tradicionais.

Como solução desta questão, tecnologia e a inteligência auxiliariam na detecção de notícias falsas com a criação de uma plataforma chamada #SaludSinBulos (plataforma usada para denunciar e combater notícias falsas sobre saúde). Outra organização criada para combater notícias falsas é chamada de la Comisión Europea, que tem objetivo de examinar a desinformação em suas diversas formas dentro do ambiente digital. Para os autores, as bibliotecas universitárias têm valor essencial na formação das novas competências digitais que auxiliam na alfabetização informacional, como uma oportunidade de difundir conhecimento de boa qualidade.

Bernal-Triviño e Clares-Gavilán (2019) analisam a plataforma Malditas.es, utilizada na identificação de hoaxes (mediante mecanismos de busca com palavras-chaves e bots) como combate à desinformação,

além do alcance em *sites* não confiáveis. Os autores revelam que, na Espanha, 91% do acesso às redes sociais, no ano de 2018, foi realizado pelo celular, por meio de mídias sociais (Whatsapp e Facebook).

De acordo com os referidos autores, grande parcela dos espanhóis assume já ter acreditado em uma notícia que era falsa. Como previsão, Bernal-Triviño e Clares-Gavilán (2019) apontam que em 2022 o público vai consumir mais notícias falsas do que notícias verdadeiras - sendo essa realidade um fenômeno mundial expandido em outras redes (por exemplo, no *twitter* as falsas notícias são disseminadas mais rapidamente e amplamente, além de receberem mais "retuítes", pelo fato de causarem mais novidade do que verdade).

A escolha de Bernal-Triviño e Clares-Gavilán (2019) da Malditas.es como fonte de informação, levou em consideração o papel dos telefones móveis e das redes sociais na evolução da própria plataforma, sendo a primeira na Espanha dedicada à verificação de notícias, e a única presente na comissão Europeia, tendo por objetivos principais: especificar as funções que o mobile cumpre no projeto; avaliar se existem diferenças entre as redes sociais; detalhar o método de verificação; assim como o modelo de organização.

Cabe destacar, ainda, que a Maldita.es surgiu através da Maldita Hemeroteca (espaço dedicado a conteúdos jornalísticos), projeto iniciado em novembro de 2014, e que teve grande projeção em 2017 com o *boom* informacional decorrido pela consolidação do *twitter*, enquanto rede social (BERNAL-TRIVIÑO; CLARES-GAVILÁN, 2019). A necessidade da verificação das informações fez com que surgissem plataformas para o maior controle da difusão da informação nas mídias sociais.

Em Neves (2019), discorre-se sobre desinformação, tendo-se por objetivo identificar recursos que auxiliam o bibliotecário no combate da desinformação nas mídias sociais, considerando que a desinformação circula com mais facilidade nessas mídias que na mídia tradicional. A autora advoga que o bibliotecário pode auxiliar a população a desenvolver um comportamento crítico no processo de busca e consumo de

informações virtuais, tendo na alfabetização midiática um conjunto de habilidades que colaboram com a análise crítica das informações.

Além disso, os achados de Neves (2019) revelam as estratégias metacognitivas como um importante recurso para que os bibliotecários ajam de forma responsável na função de educadores informacionais, sendo, para isso, necessário desvincular interesses comuns no contexto de atuação.

Na era das notícias falsas e contas automatizadas, Ahmed e Lugovic (2019) oferecem uma visão geral do NodeXL no contexto da propagação de notícias falsas, e fornecem uma visão pormenorizada sobre a relevância das visualizações e análises de redes para as mídias de notícias – dado a mesma ser considerada uma ferramenta de fácil uso na coleta, análise, visualização e relato de padrões encontrados em coleções de conexões de pessoas, grupos e multidões em *streams* de mídia social, além de temas e recursos relacionados, apresentando uma revisão de literatura sobre o NodeXL, com destaque para o seu potencial para identificar de redes de multidões durante eventos de notícias emergentes.

Como contribuições, o estudo oferece um conjunto de diretrizes que podem ser utilizadas por gestores de mídia de notícias para avaliar e mapear eventos de notícias emergentes no *Twitter*, buscando-se com isso, compreender a “consciência situacional” das multidões, situação em que jornalistas podem cobrir um determinado conjunto de fluxos de conteúdo de mídia social, e documentar o cenário social a partir de uma abordagem inovadora.

Para Del-Fresno-García e Manfredi-Sánchez (2018), a desinformação, notícias falsas e a pós-verdade, são consequências diretas da ruptura tecnológica, comunicação interpessoal coletiva, aliadas a uma ação sociopolítica. Neste cenário, os autores analisam o impacto do conteúdo produzido pelo *hacktivista* Julian Assange à frente da organização WikiLeaks⁴ em apoio ao processo de independência da

⁴ Organização internacional sem fins lucrativos fundada em 2006 por seu editor Julian Assange e com sede na Suécia. Trata-se de uma biblioteca com os

Catalunha, no ano de 2017.

A partir de um total de 1.708.087 resultados únicos recuperados de vários fluxos de dados da *Internet* (com maioria oriunda do *Twitter*), Del-Fresno-García e Manfredi-Sánchez (2018) analisam, qualitativamente, os 50 *tweets* mais viralizados então, a fim de identificarem os padrões de desinformação implícitos.

Os resultados do estudo revelaram até que ponto a desinformação favorece, dentre outros aspectos: a sobrevivência da visão de mundo da independência (visão catalã, derivada da ideia de que a Espanha, como um todo, não é um país democrático); e, que a desinformação se utiliza do argumento de uma liberdade individual (estendida à dificuldade de coagir a propagação de mentiras/falsidades típicas da propaganda totalitária). É preciso analisar a natureza das desinformações, para descobrir a sua intencionalidade, o seu contexto e seu significado.

3.2 ESTRATÉGIAS DE COMBATE À DESINFORMAÇÃO EM MÍDIAS SOCIAIS: SÍNTESE INTEGRADORA

Neste ponto da pesquisa são apresentadas as principais estratégias de combate às desinformações identificadas nos estudos dedicados à questão, submetidos à análise de conteúdo proposta na etapa 2. A intenção de exposição de uma síntese integradora é oferecer indicações pontuais aos profissionais bibliotecários, pesquisadores, e demais interessados no assunto, para solucionarem (ou minimizarem) os efeitos da propagação das notícias falsas, e desinformação, nas mídias sociais.

Ressalta-se que as recomendações aqui sinalizadas são oriundas das pesquisas conduzidas sobre a temática, no contexto da Ciência da Informação, oferecendo, portanto, orientações compatíveis com as necessidades e desafios enfrentados por profissionais bibliotecários, e usuários dos sistemas de informação, no combate à disseminação de

documentos mais perseguidos do mundo, tendo o objetivo de dar asilo e visibilidade às informações sensíveis provenientes, na maior parte dos casos, de contextos políticos (DEL-FRESNO-GARCÍA; MANFREDI-SÁNCHEZ, 2018).

notícias falsas nas mídias sociais.

Quadro 3. Meios de solucionar a propagação de notícias falsas e desinformação nas mídias sociais

Autores	Recomendações
Mertoğlu e Genç (2020)	Os bibliotecários precisam se equipar com habilidades e ferramentas digitais para lidarem com os recursos emergentes da disseminação de conteúdos falsos. As bibliotecas digitais são consideradas soluções para a desinformação utilizando os sistemas de detecção automatizada (ADS), usadas em prol da educação no ambiente digital.
Casero-Ripollés (2020)	Uso do banco de dados na VirusFact Alliance ⁵ para a detecção de notícias falsas.
Del-Fresno-García; Manfredi-Sánchez (2020)	Uso do ambiente WikiLeaks ⁶ para frear a proliferação da desinformação e pós-verdade nas mídias sociais, como forma de sinalizar a presença de conteúdo falso, e impulsionar o posicionamento das notícias consistentes.
Laato et al. (2020)	Educar os usuários de mídias sociais de forma crítica.
Marin (2020)	Uso do método MDI ⁷ nas redes sociais para saber a reação emocional do público para aumentar a precisão das informações.

⁵ Banco de dados desenvolvido pelo Poynter Institute com a capacidade de detectar notícias falsas em todo o mundo (CASERO-RIPOLLÉS, 2020).

⁶ Consiste em "uma organização de mídia multinacional e biblioteca associada que é especializada na análise e publicação de grandes conjuntos de dados de materiais censurados ou de outra forma restritos oficiais envolvendo guerra, espionagem ou corrupção" (WIKILEAKS, 2015).

⁷ O método MDI é usado para distinguir dois fenômenos distintos: desinformação, que é geralmente definida como efeito de compartilhamento de informação falsa sem conhecimento de sua inconsistência; e *fake news*, informação produzida e distribuída com a clara intenção de enganar (FALLIS, 2014).

Ardenol e Rodríguez (2020)	Mídias sociais devem adotar a prática da verificação dos fatos e cumprir o código Internacional Fact-Checking Networking para realizar correções quando forem detectadas notícias falsas.
Aleixandre-Benavent, Castellpi-Cogollos e Valderrama-Zurián (2020)	Recorrer aos bibliotecários para a obtenção de informações confiáveis.
Ahmed e Lugovic (2019)	Uso do Node XL ⁸ para analisar dados e conteúdos compartilhados nas redes sociais, tendo como objetivo verificar as <i>hashtags</i> utilizadas no meio virtual.
Martínez-Cardama e Algorta-Cancho (2019)	Alfabetização informacional por parte das bibliotecas universitárias, compreendendo treinamento dos profissionais e o desenvolvimento de guias temáticas. Criação de plataformas para combater <i>fake news</i> , a exemplo da Espanha em que foi desenvolvida a hashtag #SaludinBulos, uma plataforma para relatar e combater notícias falsas sobre saúde, apresentado pela Association of Researcher in e Health (AIES).
Neves (2019)	Bibliotecários devem atuar de forma crítica e responsável frente às informações criadas e compartilhadas no ambiente digital.
Bernal-Triviño e Clares-Gavilán (2019)	Uso do Malditas.es para a checagem de fatos internacionais, o que possibilita legitimar a informação em mídias sociais considerando, para tanto, quatro fases: identificação e comunicação, discussão, aprovação e publicação.
Salvaverría et al. (2020)	Realizar checagem dos fatos relacionados à saúde conhecidos como "hoax" ⁹ nas redes sociais para evitar as fraudes informacionais e suas descontextualizações.

Fonte: Dados da pesquisa.

⁸ O método NodeXL é utilizado para mapear e medir o conteúdo de mídia social para identificar a interação do usuário com as comunidades (AHMED; LUGOV, 2019).

⁹ "Hoax" é um código informativo capaz de transmitir um conteúdo falso através de texto, foto, vídeo e áudio. É relacionado aos boatos e informações exageradas.

A partir do exposto, concluiu-se que os autores ofereceram importantes recomendações para tratar a desinformação no ambiente digital. Essas contribuições são oportunas para que os bibliotecários e a população em geral não acessem e/ou compartilhem informações inverídicas e fatos não comprovados, rompendo, ou enfraquecendo, o ciclo vicioso da desinformação.

Constatou-se que existem linhas distintas para solucionar o problema da desinformação com foco na elaboração, e/ou apresentação de recomendações de combate à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais.

O modo como os autores buscaram frear a disseminação de notícias falsas em mídias sociais, nos 12 artigos analisados, ocorreu a partir de duas estratégias centrais: a) discussão/análise de recursos tecnológicos de checagem dos fatos, e de controle informacional, visando frear a disseminação de notícias falsas (8 documentos no total); e, abordagens envolvendo o comportamento e a competência informacional dos envolvidos, com destaque para uma atuação ética e responsável por parte dos bibliotecários (4 documentos no total).

Destacou-se, ainda, que por serem estudos provenientes da literatura internacional da Ciência da Informação, as plataformas são diversas e se mostraram como recursos valiosos a serem implementados no cotidiano das bibliotecas digitais, e na atuação bibliotecária.

Enfatiza-se, pela visão dos autores Del-Fresno-García e Manfrendi-Sánchez (2020), que uma das estratégias a serem amplamente empregadas é a educação dos usuários, proporcionando-lhes estímulo ao uso consciente e crítico das mídias sociais, sugerindo, além disso, a utilização de plataformas de checagem de conteúdos falsos nas mídias sociais. Para os autores, recursos dessa natureza são importantes para filtrar o que as pessoas consomem na *Internet* e, dependendo da sua veracidade, o *status* de credibilidade desta informação pode sofrer prejuízo no *ranking* de notícias consistentes.

Como recomendação, os autores Aleixandre-Benavent, Castelló-Cogollos e Valderrama-Zurián (2020) indicam que os usuários de mídias sociais devem procurar os bibliotecários para uma participação mais consciente nesses ambientes digitais, uma vez que esse é o profissional capaz de lidar com o fluxo informacional, e identificar fontes confiáveis de informação.

Laato et al. (2020) também sugerem a da educação dos usuários como a principal estratégia de combate à disseminação de notícias falsas em mídias sociais, de modo que os mesmos sejam capazes de opinar sobre o que é informação verdadeira, e informação inverídica, desenvolvendo capacidade autônoma no processo decisório.

Esta também é a recomendação de Neves (2019), uma vez que se advoga que os bibliotecários possuem legitimidade, e conhecimento, para lidarem de forma crítica com a informação disseminada no ambiente digital.

No ponto de vista de Martínez-Cardama e Algora-Cancho (2019), o combate à desinformação também perpassa a questão da alfabetização informacional, trabalhada mediante treinamentos realizados por bibliotecários e, também, com a criação e uso de plataformas especializadas em refrear os impactos da proliferação de notícias falsas.

Integrando a educação e o uso de recursos especializados, Mertoğlu e Genç (2020) acreditam que diminuir a desinformação requer mudança no comportamento das pessoas, estando prontos para enfrentar o contexto de notícias falsas, defendendo, ainda, que o ambiente da biblioteca digital seria uma solução para uma educação de qualidade - os autores indicam os sistemas de detecção automatizada (ADS) para o auxílio no enfrentamento das notícias falsas.

Nesta direção, Marin (2020) defende o uso do método MDI nas redes sociais como uma alternativa eficaz para se analisar o emocional da população e para saber quais informações cada público receberá, contribuindo com uma análise do perfil dos usuários de mídias sociais.

Ardenol e Rodríguez (2020), por sua vez, propõem o Fact-Checking

Networking como instrumento de checagem dos fatos, e posterior correção de notícias falsas nas mídias sociais. Nesta mesma linha de raciocínio, Ahmed e Lugovic (2019) propõem o uso NodeXL como ferramenta digital com capacidade de analisar dados falsos, especialmente por bibliotecas digitais.

Para Bernal-Triviño e Gavilán (2019), o Maldita.es é outro recurso importante para a checagem dos fatos, e como forma de legitimar a informação nas mídias sociais.

Em atenção ao contexto próprio da informação em Saúde, Salvaverría et al. (2020) indicam a necessidade do uso dos "hoax" para a checagem dos fatos. Também na perspectiva das notícias falsas em Saúde, Casero-Ripollés (2020) defende o uso da plataforma na VirusFact Alliance no combate à proliferação das notícias falsas, principalmente aquelas ligadas à pandemia da COVID-19 (CoronaVirusFacts alliance).

A partir do exposto nesta subseção, observa-se que as pesquisas se direcionam para o combate à proliferação de notícias falsas em mídias sociais, tendo principalmente o uso de recursos tecnológicos e a educação dos usuários como ferramentas de combate, e que, em suma, os resultados encontrados na presente investigação, oferecem alternativas relevantes - especialmente para uma atuação mais comprometida e responsável por parte dos bibliotecários, e da própria Ciência da Informação (uma das mais importantes áreas de discussão e desenvolvimento de recursos capazes de colaborar para o uso correto e acertivo das informações e conteúdos veiculados no ambiente digital).

Nota-se, com isso, o potencial desenvolvimento do papel que os bibliotecários exercem no combate à disseminação de notícias falsas, assim como o compromisso assumido pelos pesquisadores do campo da informação, nesta direção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um cenário incerto e de insegurança digital, a quantidade de informações falsas divulgadas faz com que muitos confundam verdade e mentira e apresentem a segunda como realidade e detrimento da primeira.

A Desinformação é um fenômeno pernicioso, e causa efeitos danosos na vida social, sobretudo, no atual contexto da pandemia da COVID-19. Avaaz (2019) mostra o caso da desinformação sobre as vacinas na atualidade, com a negação das vacinas da COVID-19, o que afetou a percepção dos indivíduos de modo geral (muitos passaram a acreditar em curas milagrosas para se livrarem desta doença).

O cenário de desinformação estabelecido na atualidade é favorecido, em muito, pelo consumo instantâneo, e irrefletido, de informações nas mídias sociais, ambientes de grande capacidade de convencimento sobre temas com notoriedade no cenário político e social, assim como de ocultamento das verdadeiras identidades por trás da disseminação da informação.

De forma compensatória, para Ottonicar (2016), investimentos em bibliotecas escolares e universitárias colaborariam com uma melhor educação, o que favoreceria a formação crítica de indivíduos, propiciando maior consciência no uso e compartilhamento de informações validadas em seu teor qualitativo. Nesse sentido, educar a população sobre o conteúdo que consomem no ambiente virtual é a principal estratégia para evitar a proliferação de notícias falsas.

Neste cenário perverso de desinformação, discutir seus impactos e desafios na Ciência da Informação é, sobretudo, capacitar a sociedade para um consumo consciente de informações compartilhadas em mídias sociais. Conseguir discernir entre uma informação verídica de uma informação falsa contribuiria para o empoderamento ético das pessoas, e para a busca de uma sociedade mais humana, justa e solidária.

Considerando a necessidade de pesquisas dedicadas ao fenômeno mundial da desinformação, buscou-se, pelos recortes então propostos, discutir o tema no contexto das mídias sociais, tendo como eixo central a consideração do papel de educador do bibliotecário, capacitado a promover orientações em relação a forma correta das pessoas gerenciarem o acesso à informações, selecionando as mais confiáveis a partir de fontes seguras.

Neste sentido, elegendo-se como questão norteadora o interesse em identificar quais as recomendações de combate à disseminação de notícias falsas nas mídias sociais - discutidas e apresentadas pela Ciência da Informação -, práticas que colaboram para uma atuação bibliotecária segura e comprometida com essa demanda contemporânea, tendo-se por intenção oferecer um conjunto de estratégias que pudessem ser utilizadas por profissionais bibliotecários, e usuários da Informação, para o combate da disseminação de notícias falsas em mídia sociais.

Para tanto, empreendeu-se um estudo de natureza teórico-descritiva, de abordagem qualitativa, que se pautou em três objetivos específicos, atendidos nas seguintes condições:

No primeiro, pela contextualização do atual cenário desinformativo e suas consequências na tessitura social, tendo como base os achados provenientes de uma revisão bibliográfica que contemplou diversos materiais nacionais e internacionais, observou-se que a tecnologia incrementou a interação através das redes sociais, o tempo todo, propiciando uma comunicação móvel e, relativamente acessível pela internet (fenômeno que veio se moldando desde a década de 1990) - que com a pandemia da COVID-19, intensificou-se no uso, e em diversas formas (aplicativos de compras, deliveries, etc.), fazendo com que os indivíduos passassem cada vez mais tempo no espaço virtual.

No segundo, pela identificação de pesquisas que inter-relacionam desinformação e mídias sociais na Ciência da Informação, sendo, com efeito, empregadas diversas estratégias de coleta e tratamento que permitiram a identificação de um conjunto composto de 12 estudos com

foco no combate a desinformação em mídias sociais.

Os achados detectados na análise de conteúdo dessas pesquisas revelam diferentes abordagens de análise e discussão empregadas pelos autores para a discussão do tema, obtendo-se, no geral, as principais recomendações dos estudos para solucionarem a questão da propagação das notícias falsas e desinformação nas mídias sociais, respaldando-se tais recomendações no uso de plataformas específicas de checagem de fatos, e na educação dos usuários desses ambientes, tendo o bibliotecário um papel de destaque nessa atividade.

Em tempos de desinformação, o bibliotecário colabora com a identificação de fontes seguras de informação, desempenhando, ainda, o papel fundamental no interesse em observar mecanismos de favorecimento das bolhas de conteúdos que proliferam notícias falsas nas mídias sociais para determinados nichos de pessoas com gostos parecidos – visando refrear esses mecanismos.

Além disso, esse profissional também colabora para que as informações compartilhadas nas mídias sociais não se tornem fragmentadas e dispersas. Nesse sentido, é preciso que se conscientize o indivíduo sobre sua responsabilidade social, encaminhando-lhe um conteúdo sustentável e consistente – considerando-se que a informação falsa (ou manipulada com má fé) interfere diretamente no comportamento e na ordem ecológico-societária.

Discutir a desordem informativa na atualidade, e o seu impacto na sociedade, não é uma tarefa fácil, ao passo que envolve disputas éticas e políticas de dimensões ainda pouco conhecidas, mas com efeitos perniciosos em diversas esferas sociais.

Diante disso, entende-se que uma das principais contribuições da presente investigação, seja a compilação de recomendações oriundas da literatura especializada da Ciência da Informação, que colaborariam com uma atuação bibliotecária mais segura em meio às questões de desinformação, e a necessidade de acesso às informações de qualidade no contexto do ambiente virtual.

Dada a limitação imposta pela pandemia mundial da COVID-19 na execução da presente pesquisa, considerou-se oportuno observar que pesquisas futuras avancem no aprofundamento do tema de testagem de estratégias de combate à desinformação nas mídias sociais, incorporando, por exemplo, outras bases de dados internacionais, bem como uma amplificação do cenário da própria Ciência da Informação brasileira.

Por fim, acredita-se que combater a criação/propagação de notícias falsas e tendenciosas, seja uma luta diária que exige vigilância de muitos agentes comunicacionais, cabendo, com efeito, a necessidade de um agir consciente, direcionado ao bom uso das mídias sociais, competência que, cada vez, recai sobre o profissional bibliotecário por este oferecer suporte e orientação a diversos setores sociais.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, G.; SILVEIRA, J. Pós-Verdade e *Fake News*: equívocos do político na materialidade digital. VIII SEAD-SEMINÁRIO DA ANÁLISE DO DISCURSO, 8. 2017. Recife. **Anais...** Recife: SEAD, 2017. p. 01-06. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/ADOPEF> . Acesso em: 20 jul. 2020.
- AGÊNCIA BRASIL. A maioria acessa a internet pelo celular. **Agência Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/brasil-tem-134-milhoes-de-usuarios-de-internet-aponta-pesquisa>> . Acesso em: 20 jun. 2021.
- AGUIAR, L. A.; ROXO, L. A. A credibilidade jornalística como crítica à “cultura da desinformação”: uma contribuição ao debate sobre fakenews. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 162-186, dez., 2019.
- AHMED, W; LUGOVIC, S. Social media analytics: analysis and visualisation of news diffusion using NodeXL. **Online Information Review**, v. 43, n. 1, p. 149-160, 2019. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/OIR-03-2018-0093/full/html> . Acesso em: 02 abr. 2021.
- ARDEVOL-ABREU, A; DELPONTI, P; RODRÍGUEZ-WANGÜEMERT, R. C. Intentional or inadvertent fake news sharing? Fact-checking warnings and users’ interaction with social media content. **Profesional de la Información**, v. 29, n. 5, p. 1-8, set. 2020. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/80048> . Acesso em: 03 abril 2021.
- ALEIXANDRE-BENAVENT, R.; CASTELLÓ-COGOLLOS, L.; VALDERRAMA-ZURIÁN, J. Information and communication during the early months of Covid-19: infodemics, misinformation, and the role of information professionals. **El profesional de la información**, v. 29, n. 4, p. 1-17, 2020.
- ALMEIDA, V; DONEDA, D.; LEMOS, R. Com avanço tecnológico, fake news vão entrar em fase nova e preocupante. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/04/com-avanco-tecnologico-fake-news-vaao-entrar-em-fase-nova-e-preocupante.shtml> . Acesso em: 05 jul. 2019.

ANGELIS, C. **A ascensão da pós-verdade, ou como construir deuses na medida**. São Paulo: LLYC, 2017.

AVAZZ. As fake news estão nos deixando doentes? Como a desinformação antivacinas pode estar reduzindo as taxas de cobertura vacinal no Brasil. **Sociedade Brasileira de Imunizações**. 2019. Disponível e: <<https://sbim.org.br/images/files/po-avaaz-relatorio-antivacina.pdf>> . Acesso em: 20 jun 2021.

ARAÚJO, C. A. V. O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-17, 2020. DOI: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72673> . Acesso em: 06 nov. 2020.

BARBOSA FILHO, A.; CASTRO, C.; TOM, T. **Mídias Digitais**. São Paulo: Editora Paulinas, 2005. p. 368.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BASILE, J. Brasileiro é o povo que mais acredita em boatos, aponta pesquisa. **Valor**. Brasília, 2018. Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2018/10/08/brasileiro-e-o-povo-que-mais-acredita-em-boatos-aponta-pesquisa.ghtml>> . Acesso em: 17 jul. 2018.

BAUER, M. GASKELL, G. (Eds). **Qualitative researching with text, image, and sound**. London: Sage, 2008.

BERNAL-TRIVIÑO, A.; CLARES-GAVILÁN, J. (2019). Uso del móvil y las redes sociales como canales de verificación de fake news: el caso de Maldita.es. **El Profesional de la Información**, v. 28, n. 3, p. 1-8, 2019. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2019.may.12> . Acesso em: 27 maio 2021.

BEZERRA, L. K. O.; NOGUEIRA, M. P. L. Redes sociais, mídias sociais e influenciadores digitais. 2019. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Parauapebas, 2019. Disponível em:

<bdta.ufra.edu.br/jspui//handle/123456789/633> . Acesso em: 16 out. 2021.

BLOG DO DANTE FILHO. **Luiz Felipe Pondé**: rede sociais e o relativismo. Disponível em: <<http://www.dantefilho.com.br/2017/02/luiz-felipe-ponde-rede-sociais-e-o.html>>. Acesso em: 08 maio 2021.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 9. 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: ENANCIB, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102819>>. Acesso em: 15 set. 2020.

BRITO, V. P.; PINHEIRO, M. M. K. Poder informacional e desinformação. XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 16. 2015, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ENANCIB, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/355>> . Acesso em: 15 set. 2020.

BRUNO, F.; ROQUE, T. A ponta de um iceberg de desconfiança. In Pós – Verdade e *Fake News* – Reflexões sobre a guerra de narrativas. In BARBOSA, M. (Ed.). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Cobogá: Rio de Janeiro, 2019. p. 13–24.

BUCCI, E. News não são fake – e *fake news* não são news. In Pós– Verdade e *Fake News* – Reflexões sobre a guerra de narrativas . In BARBOSA, M. (Ed.). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Cobogá: Rio de Janeiro, 2019. p. 37–48.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614. 2004.

CARVALHO, M. F. C.; MATEUS, C. A. fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de Ciência da Informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v.8, n. 2, p. 1-13, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/106311>> . Acesso em: 22 ago. 2020.

CASERO-RIPOLLÉS, A. Impact of Covid-19 on the media system: communicative and democratic consequences of news consumption during the outbreak. **El profesional de la información**, v. 29, n. 2, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://revista.profesionaldelainformacion.com/index.php/EPI/article/view/epi.2020.mar.23> . Acesso: 05 jun 2021.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. (8ª ed.). São Paulo: Cortez. 2006.

CIRIBELI, J. P.; PAIVA, V. H. P. Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Revista Mediação**, v. 13, n. 12, p. 57-74, 2011. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/509/504> . Acesso em: 14 de abr. 2020.

CONDE, C. A. G. F.; ALCARÁ, A. R. Desinformação: qualidade da informação compartilhada em mídias sociais. XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 9. 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: ENANCIB, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102482> . Acesso em: 25 jul. 2020.

CRUZ, F. B. *Fake news* definem uma eleição? In Pós – Verdade e *Fake News* – Reflexões sobre a guerra de narrativas. In: BARBOSA, M. (Ed.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Cobogá: Rio de Janeiro, 2019. p. 25–36.

D'ANCONA, M. **Pós-Verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. São Paulo: Editora Faro, 2018. p. 183.

DANTAS, I. H. e ROCHA, H. C. L. Fake news: um fenômeno epistemológico e comunicacional. XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 16. 2018, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBPJor, 2018. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/view/1442/792> . Acesso em: 25 jul. 2020.

DARNTON, R. The True History of Fake News. **NYR Daily**, 2017. Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2017/02/13/the-true-history-of->

[fake-news/](#) . Acesso em: 20 de jun. de 2020.

DEL-FRESNO-GARCÍA, M.; MANFREDI-SÁNCHEZ, J-L. Politics, hackers and partisan networking: misinformation, national utility and free election in the Catalan independence movement. **El profesional de la información**, v. 27, n. 6, p. 1225-1238, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/329445244 Politics hackers and partisan networking Misinformation national utility and free election in the Catalan independence movement](https://www.researchgate.net/publication/329445244_Politics_hackers_and_partisan_networking_Misinformation_national_utility_and_free_election_in_the_Catalan_independence_movement)> . Acesso em: 25 maio 2021.

DELMAZO, C; VALENTE, J. C.L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, abr., 2018. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11> . Acesso em: 13 ago. 2020.

FALLIS, D. What is disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015. Disponível em: < <https://muse.jhu.edu/article/579342>> . Acesso em: 25 mar. 2021.

FERNANDES, C. M.; MONTUORI, C. A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'as 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 2, p. 444-460, 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/receis/article/view/1975> . Acesso em: 18 set. 2020.

FRANÇA, J. M. M. S.; SUZART, M. S.; RIBEIRO, D. C. Pós-Verdade e *Fake News*: O jornalismo na contemporaneidade. XVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 16. 2018, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SBPJor, 2018. p. 1-10. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2018/paper/view/1628/644>> . Acesso em: 18 jul. 2020.

GALHARDI, C. P. et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 4201-4210, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>>. Acesso em: 15 out. 2021.

GAVASSO, G. **Fake News e os limites constitucionais na produção de conteúdos**. 2019. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em: <<http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/20619>> . Acesso em: 25 jul. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 edição. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

HORBACH, L. O. **Fake news: uma abordagem em face da liberdade de expressão, internet e democracia**. 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9046>> . Acesso em: 25 jul. 2020.

KAUFMAN, D. A inteligência artificial mediando a comunicação: impactos da automação. In: BARBOSA, M. (Ed.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Cobogá: Rio de Janeiro, 2019. p. 49–58.

LAATO, S. et. at. What drives unverified information sharing and cyberchondria during the COVID-19 pandemic?. **European Journal of Information Systems**, v. 9, n. 3, p. 288-305, 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0960085X.2020.1770632>> . Acesso em: 28 maio 2021.

LEITE, A. C. Fake news em tempos de pós-verdade: uma introdução. **Caderno da Escola Superior de Gestão Pública, Política, Jurídica e Segurança**. Curitiba, v. 3, n. 1, p. 70–91, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/ESGPPJS/articloe/view/1004/1126>> . Acesso em: 28 jul. 2020.

LEITE, L. R. T.; CANTO, F. L. *Fake news* e “viralização”: responsabilidade legal na disseminação de desinformação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. esp., p. 143–156, 2019. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1364/1176>> . Acesso em: 20 ago. 2020.

LEITE, L. R. T.; MATOS, J. C. M. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 27. 2017. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: CBBB, 2017. p. 1-6. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1961/1962>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. In: ALVARES, L. et al. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4, 2012. p. 21-48.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 37-45, 2007.

MACEDO JUNIOR, R. P. Liberdade de expressão ou dever de falar a verdade? In: BARBOSA, M. (Ed.). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Cobogá: Rio de Janeiro, 2019. p. 89-96.

MACHIAVELI, G. R. M. Fakes news: uma investigação discursiva. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 1, p. 338-355, abr. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.21165/el.v48i1.2324>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MARIN, L. Three contextual dimensions of information on social media: lessons learned from the COVID-19 infodemic. **Ethics Inf Technol.** v. 26, p. 1-8, ago. 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32868972/>>. Acesso em: 05 jun 2021.

MARTÍNEZ-CARDAMA, S.; ALGORA-CANCHO, L. Lucha contra la desinformación desde las bibliotecas universitarias. **El profesional de la información**, v. 28, n. 4, p. 1-10, 2019. Disponível em: <<eprints.rclis.org/39261/1/69685-235470-2-PB.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2021.

MENESES, J. P. Sobre a necessidade de conceitualizar o fenômeno das *fake news*. **Observatório**, v. especial, p. 37-53, 2018. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MERRIAM-WEBSTER Dictionary. **Merriam-Webster**. 2017. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

MERTOĞLU, U.; GENÇ, B. Automated fake news detection in the age of digital libraries. **Information Technology and Libraries**, v. 39, n. 4, p. 1-19, dez. 2020. Disponível em: <https://ejournals.bc.edu/index.php/ital/article/view/12483> . Acesso em: 28 maio 2021.

MORAES, S. C. B.; ALMEIDA, C. C.; ALVES, M. R. L. Informação, verdade e pós-verdade: uma crítica pragmaticista na ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e65505> . Acesso em: 23 out. 2020.

MÜLLER, F. M.; SOUZA, M. V. Fake news: um problema midiático multifacetado. VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONHECIMENTO E INOVAÇÃO. 8., 2018. Guadalajara. **Anais...** Guadalajara: CIKI, 2018. Disponível em: <https://proceeding.ciki.ufsc.br/index.php/ciki/article/view/511> . Acesso em: 24 out. 2020.

NASCIMENTO, M. V. V. O fenômeno das fakes news: problemáticas e possibilidades. **Revista Semiárido de Visu**, Petrolina, v.7, n. 2, p. 264-272, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsertao-pe.edu.br/ojs2/index.php/semiaridodevisu/article/view/489> . Acesso em: 10 ago. 2020.

NEVES, B. C. Recursos que podem apoiar o bibliotecário no combate às fake news nas mídias sociais. **AtoZ: Novas Práticas em Informação e Conhecimento**, v. 8, n. 2, p. 17-27, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/68094/41066> . Acesso em: 06 nov. 2020.

OLIVEIRA, S. M. P. Disseminação da informação na era das fake news. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 8, n. 2. 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/106362> . Acesso em: 14 jul. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. The sustainable development

goals report: 2020. **ONU**. 2020. Disponível em: <https://unstats.un.org/sdgs/report/2020/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2020.pdf> . Acesso em: 07 jan. 2022.

OTTONICAR, S. L. C. Competência em informação e os contextos educacional, tecnológico, político e organizacional. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 124-142, jan./jun.2016. Disponível em : <<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2203>> Acesso em: 15 out. 2021.

OXFORD Dictionary. 3 edição. Kettering: Oxford University Press, 2016.

PAN, S. L.; ZHANG, S. From fighting COVID-19 pandemic to tackling sustainable development goals: An opportunity for responsible information systems research. **International Journal of Information Management**, v. 55, p. 1-6, jul., 2020.

PAULA, L. T.; SILVA, T. R. S.; BLANCO, Y. A. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fakes news. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./ jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/16764> . Acesso em: 15 ago. 2020.

PEREIRA, Y. S. **Os líderes de opinião e os novos fluxos de informação nas redes sociais**: uma análise sobre as fake news no facebook no contexto da pós-verdade. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2018. (Relatório de Iniciação Científica). Disponível em: <<https://doi.org/10.5102/pic.n3.2017.5812>> . Acesso em: 22 ago. 2020.

PINHEIRO, J. Fake news e o futuro da nossa civilização. In: BARBOSA, M. (Ed.). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Cobogá: Rio de Janeiro, 2019, p. 87-96.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet**. São Paulo: Editora Summus, 2003. p. 288.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <https://e->

compos.org.br/e-compos/article/view/153 . Acesso em: 20 jun. 2021.

RAMALHO, R. A. S.; MARTINS, P. G. M.; SOUSA, J. L. Evolução das linguagens de marcação: um breve histórico à luz da área de ciência da informação. **Informação@Profissões**, v. 6, n. 2, p. 20-34, 2017.

Disponível em: _

<<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/33267>> .

Acesso em: 24 ago. 2020.

RAMALHO, R. A. S.; OUCHI, M. T. Tecnologias Semânticas: novas perspectivas para a representação de recursos informacionais.

Informação & Informação, Londrina, v. 16, n. 3, p. 60-75, jan/jun.

2011. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.5433/1981-](http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2011v16n3p60)

[8920.2011v16n3p60](http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2011v16n3p60)> . Acesso em: 07 set. 2020.

RATES, V. Z.; TAKEDA, F. B. Fake news na era digital. V SIMPÓSIO DE TECNOLOGIA DA FATEC. 5. 2018. Taquaritinga. **Anais...** Taquaritinga: FATEC, 2018. Disponível em:

<<https://simtec.fatectq.edu.br/index.php/simtec/article/view/402/244>> .

Acesso em: 20 jul. 2020.

RECUERO, Raquel. Redes sociais atuam como filtro de informações.

Jornalistas da Web. 2009. Disponível em

<http://www.jornalistasdawe.com.br/> . Acesso em: 02 ago. 2020.

RIPOLL e CANTO (2019). Fake news e "viralização": responsabilidade legal na disseminação de desinformação. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n. esp. Melhores trabalhos CBBB, 2019| Eixo 4- A expansão desenfreada das tecnologias. p.14, 2019.

SALA, M. **O papel das redes sociais no contexto atual de pós-verdade**. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22113>> .

Acesso em: 07 ago. 2020.

SALAVERRÍA, et al. Desinformación en tiempos de pandemia: tipología de los bulos sobre la Covid-19. **El profesional de la información**, v. 29, n. 3, p. 1-15, 2020. Disponível em:

<dadun.unav.edu/bitstream/10171/61100/1/80202-261482-1-PB.pdf> .

Acesso em: 28 maio 2021.

SAMPAIO, D. B.; OLIVEIRA, H. P. C.; OLEGÁRIO, M. L. Hipertrofia da informação sob a ótica dos conceitos de verdade e pós-verdade. **Informação em Pauta**, v. 4, n. especial, p. 11-30, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/42597/99517> . Acesso em: 23 out. 2020.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Editora Estação das letrase cores, 2019. p. 98.

SCOFIELD JUNIOR, G. Desconstruindo as *fake news*: o trabalho das agências de fact-checking. In: BARBOSA, M. (Ed.). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Cobogá: Rio de Janeiro, 2019. p. 59-68.

SILVA, C.; PAIERO, D. Jornalismo de Babel: Mídia, Política e Fake News. XV JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E IX MOSTRA DE INICIAÇÃO TECNOLÓGICA. 15., 9. 2019. São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019. p.1-20. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvjornada/paper/view/1329>> . Acesso em: 10 ago. 2020.

SILVA, J. L. C. Pós-verdade e informação: múltiplas concepções e configurações. XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 9. 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: ENANCIB, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/103784>> . Acesso em: 16 ago. 2020.

SILVA, M. M. S. Catalisadores das fake news: uma discussão teórica no âmbito sociológico. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 20, n. 1, p. 5-26, jan./abr., 2020. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1613/1413>> . Acesso em: 08 set. 2020.

SILVA, O. A estatística e as fake news. **Correio dos Açores**, p. 12, out., 2019. Disponível em: https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/5378/1/Artigo_Silva_31outubro2019_CA.pdf . Acesso em: 05 abr. 2021.

SOUSA, A. M. O papel do bibliotecário como mediador da informação na era da pós-verdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, n. esp., p. 2390-2402, 2017.

SOUSA, J. L.; MARTINS, P. G. M.; RAMALHO, R. A. S. Modelos de representação semântica na era do Big Data. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 12, n. 3, p. 34-p.40, 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6572153>> . Acesso em: 16 jul. 2020.

SOUZA, R. R.; ALVARENGA, L. A web semântica e suas contribuições para a ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 1, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-19652004000100016>> . Acesso em: 15 jul. 2020.

SPUDEIT, D. F. A. O. O fenômeno social das redes de informação: reflexão teórica the phenomenon of social networks information: theoretical reflection. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 15, n. 1, p. 87-100, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69671>> . Acesso em: 23 mar. 2021.

TOBIAS, M. S.; CORRÊA, E. C. D. O paradigma social da ciência da informação: o fenômeno da pós-verdade e as *fake news* nas mídias sociais. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 560-579, jul./out., 2019. Disponível em: <<https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1529/pdf>> . Acesso em: 8 ago. 2020.

WAISBORD, S. Fake news sobre salud en el nuevo régimen de verdad y (des)información. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 1, p. 6-11, 2020. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1953/2331>> . Acesso em: 16 set. 2020.

WARDLE, C. Fake news: it's complicated. **First Draft Footnotes**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>> . Acesso em: 20 jun. 2021.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago., 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ci/a/rmmLFLLbYsjPrkNrbkrK7VF/?format=pdf&lang=pt> . Acesso: 26 dez. 2021.